Obras Completas de A. F. de Castilho

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
SOCIEDADE EDITORA
LIVRARIA MODERNA | TYPOGRAPHIA
95, R. Augusta, 95 | 45, R. Ivens, 47
LISBOA

OBRAS COMPLETAS

DE

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

VOLUME 10.º

VOLUMES PUBLICADOS:

I — Amor e melancolia.
II — A chave do enigma.
III — Cartas de Ecco e Narciso.
IV — Felicidade pela agricultura (1.º vol.)
V — Felicidade pela agricultura (2.º vol.)
VI — A primavera (1.º vol.)
VII — A primavera (2.º vol.)
VIII — Vivos e mortos — Apreciações moraes, litterarias, e artisticas.
IX — Vivos e mortos (2.º vol.)
X — Vivos e mortos (3.º vol.)

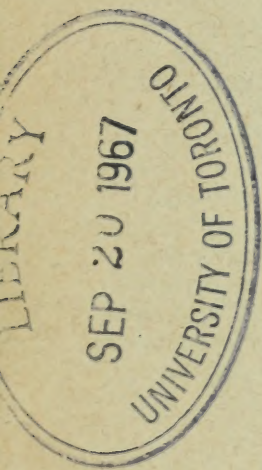
NO PRÉLO:

XI — Vivos e mortos (4.º vol.)

OBRAS COMPLETAS DE A. F. DE CASTILHO
Revistas, annotadas, e prefaciadas por um de seus filhos
X

VIVOS E MORTOS

APRECIAÇÕES
MORAES, LITTERARIAS, E ARTISTICAS

VOLUME III

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade Editora
LIVRARIA MODERNA | TYPOGRAPHIA
Rua Augusta, 95 | 45, Rua Ivens, 47
1904

SUMMARIO

O Alfageme de Santarem. — Á ultima hora: *A Espada do Condestavel.* — Preciosidades para velhas e moças.—Uma iguaria gratuita.—Ramalho e Sousa; traducção de Walter Scott.—Theatro de J. B. de Almeida Garrett.—Eugenio Scribe *Les premières armes de Richelieu.* — Sobre o *Kenilworth.* — Lingua portugueza (1.º artigo). — Lingua portugueza (2.º artigo).—Rodrigues de Bastos; um livro de oiro.—Propriedade litteraria.—Um poema épico. —Obra extraordinaria morta á nascença.—Os restos mortaes de Filinto Elysio.—Um arbitrio utilissimo para a Litteratura. — Ferdinand Denis. —Antonio Luiz de Seabra; uma novella historica. — Mais uma palma para Camões.—Inexplicavel moda. — Prologo ao tomo III da *Revista Universal.*— Verrumas artesianas para o Alemtejo. — Exterminio ás mestras de meninas. — Modo de vida que mais convém a cada um. — Guerra ás assignaturas de cruz. — D. Francisco Gomes do Avellar.

ALMEIDA GARRETT

XXX

O ALFAGEME DE SANTAREM

OU

A ESPADA DO CONDESTAVEL

(Março de 1842)

Com prazer annunciamos que depois de amanhan, sabbado, se representará pela primeira vez, no theatro da Rua dos Condes, o tão esperado e tão retardado drama do snr. Garrett, intitulado *O Alfageme*.

Felizmente, não para o Autor mas para o Publico, abortaram os mal tecidos enredos de que em nosso artigo 97 fizemos querella por parte da Litteratura e honra nacional. [1]

Todos os que assistirem á representação d'esta mui portugueza, mui formosa, e mui innocente peça, admirarão a delicadeza, com que, em tempos de tantos e tão encontrados

[1] O alludido artigo não era de Castilho; está assignado por J S da Cunha e Silva; mas a Redacção da *Revista* perfilhava-lhe as doutrinas

Os Editores.

melindres politicos, o engenho do Autor correndo sempre á vella cheia, soube maravilhosamente evitar todos os cachopos e baixios, a ponto de que nem o mais dextro forçador de textos poderá encontrar, em todos os cinco actos, uma só phrase, de que faça allusão offensiva para quem quer que seja.

Nada mais por hoje. O resto, para o numero seguinte, quando podermos dar conta do como os actores comprehenderam o Poeta, e o Publico o soube apreciar.

(*Rev. Univ.*)

XXXI

A' ULTIMA HORA

A ESPADA DO CONDESTAVEL

(Março de 1842)

Acabamos de assistir, no theatro da Rua dos Condes, á 1.ª representação da *Espada do Condestavel*. Nem na plateia nem nos camarotes cabia mais uma pessoa; enchente mais completa não é possivel imaginal-a.

Muitas causas havia para tamanha expectação: os antecedentes litterarios e dramaticos do Autor; o genero, todo nacional, da sua composição; os mesquinhos enredos, com que a haviam pretendido matar antes da nascença; as balélas encontradas, que a seu respeito grassavam; e até um zumzum, que talvez adrede se havia feito correr, de que tal representação não podia chegar ao fim; tudo isto eram causas para encher um theatro dez vezes mais vasto.

Ignoramos se havia inimigos, ou se quer dissidentes, entre os espectadores; o que sabemos, é que uma ovação theatral mais completa, nunca dramaturgo algum a con-

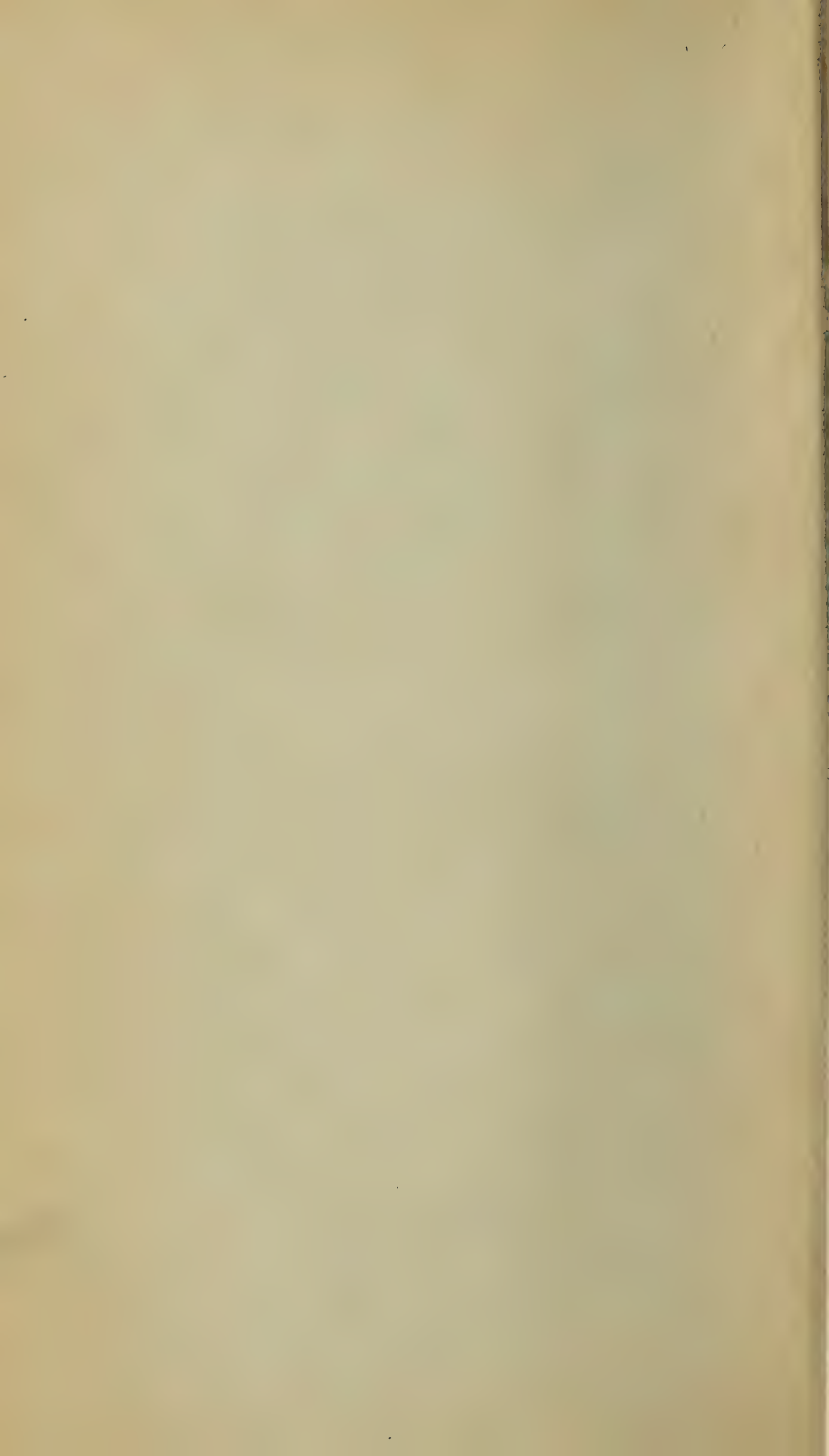
seguiu; e, se attendermos a que a peça é d'aquellas que não cabem em tablados tão pequenos como o *dos Condes*, a que alguns dos actores não chegavam á altura do seu papel, e grande numero das bellezas mais mimosas do estylo se perdiam na recitação; se considerarmos que a parte cantada, quasi toda, por culpa aliás mui desculpavel em quem não é cantor de profissão, era mal cantada, e o genero e estylo da musica, se bem que pela maior parte accommodados a todas as relações de pessoas, logar, e tempo, eram entretanto pouco proprios para namorar ouvidos costumados a Donizzetti e Bellini (Donizzeti e Bellini expressos por vozes de quem não tem outro officio senão esse); se emfim reflectirmos em que, posto não haja em todos os cinco actos uma unica satyra *politica*, os fanaticos das differentes parcialidades poderiam, por suggestões de sua consciencia, sonhar offensas, não em palavras do Autor, mas em alguns corollarios de circumstancias indispensaveis ao andamento do drama (e não escurecemos quanto é mais facil escandalisar as multidões, sem o querer, do que lisonjeal-as, ainda com a maior vontade); confessaremos forçosamente, que tal ovação antes mereceu nome de triumpho incomparavel.

Tempo e espaço, tudo hoje nos falta para falar devidamente da peça, e da sua execução. Fal o hemos com toda a imparcialidade e justiça, com que se deve tratar das obras do engenho e das artes. O favor desmerecido deshonra a quem o dá, sem aproveitar a quem o recebe; e julgar falsamente os pro-

ductos do talento, desfigurando, por odios ou affeições, o testemunho intimo, é corromper o juizo da multidão, e tornar por ahi impossivel toda a gloria litteraria de um Povo.

Por hoje só dizemos: que o *Alfageme*, como escrito e como drama, era crèdor, em nosso entender, da boa estreia que logrou. Os applausos, que recebeu pelo decurso da representação, não foram de palmas e bravos, d'essas palmas indómitas, d'esses bravos bravios, que interrompem e quebram a attenção onde mais se carece d'ella, e que muitas vezes assassinam aquillo mesmo que mais pretendem exaltar: foram d'aquelles sussurros que espontaneamente se levantam, e nos quaes o louvor se está sentindo, sem o ouvir; foram d'aquelles estremeções geraes, que electricamente se apossam de uma assemblêa inteira; foram de lagrimas destilladas no meio do mais profundo silencio, e que ninguem se lembrava de esconder nem disfarçar. Nos entreactos, sim, rompeu o enthusiasmo nas suas mostras mais estrepitosas; e o Autor, que já em alguns d'elles havia sido victoriado pelas publicas acclamações, depois de corrido pela ultima vez o pano foi, por mais de um quarto de hora, clamorosamente chamado entre palmas, para receber presencialmente os agradecimentos de todos, por quatro horas que tão enfeitiçadas lhes fizera passar.

O Publico pagou pois ao Poeta a sua obra na unica moeda digna d'elle; mas ¿pagou o Poeta ao Publico o amor que lhe elle testemunhava? ¡O snr. Garrett não appareceu!

(*Rev. Univ.*)

XXXIII

O ALFAGEME DE SANTAREM

OU

A ESPADA DO CONDESTAVEL

(Março de 1842)

Já vimos, como, desmentindo todos os sinistros agoiros, o drama do snr. Garrett foi esplendidamente inaugurado no Theatro Portuguez. Essas boas-fadas lhe haviamos nós prognosticado; e nem por isso requeremos honras de propheta.

N'aquelle escrito, que já impresso tinhamos lido, superabundantemente se contém quanto pode concorrer para a satisfação de quaesquer ouvintes, por de pessimo contento que os supponhâmos: verdade, clareza, caractéres, enredo, variedade, moral, poesia, estylo, e linguagem.

E' obra, que tanto mais irá sendo gostada, quanto mais fôr sendo entendida; e tanto mais entendida irá sendo, quanto mais fôr escutada; e escutada tem ella de o ser, até que todos a saibam tão de cór como os ac-

tores; porque é uma peça inteiramente da nossa terra, inteiramente para nós, e para o nosso tempo.

Esta nova rama de loiro, que o nosso tão popular, e tão justamente presado Litterato acaba de entretecer na sua opulenta corôa, e que lhe não custou mais, do que alguns poucos dias de ocio e retiro no campo em Setembro do anno passado, ¿como a poderia elle, com todo o seu talento, haver colhido, se, nascendo nos abençoados tempos de pacifica ignorancia de nossos paes, não tivesse presenceado o que nem as licões da Historia, nem as operações do entendimento, nem o instincto do Genio, ou da Poesia, poderão nunca fazer entender com clareza a quem o não viu?: os movimentos intestinos da sociedade, os vicios e as virtudes das differentes parcialidades, os modos, as circumstancias, e os effeitos do mutuo fuzilar das ambições, de esphera para esphera, dentro no immenso e variadissimo systema dos destinos humanos.

As edades que nada d'isto viram, que acharam e deixaram o mundo em calmaria, não podiam, nem produzir, nem avaliar devidamente, este genero de obras. A nós... a desgraça nos fez mestres; e, como taes podemos á justa apreciar (oxalá que já outro tanto não digam nossos netos) o que é, e o que vale, *A Espada do Condestavel*, e reconhecer que só quem reunisse, como o snr. Garrett, a uma grande penetração, e a uma dóse não commum de Philosophia social, a triste vantagem de ter atravessado tantas revoluções, a poderia com egual primor desempenhar.

Mas não está ainda aqui tudo.

Se, vendo-o pintar tanto pelo natural os pensamentos, as palavras, e os feitos, das diversas classes, se reconhece que o Autor tem vivido e lidado com ellas alevantadas, e entre ellas e com ellas tem padecido e soffrido; por outra parte, a imparcialidade com que as trata, a plena justiça que faz a todos e a tudo, parecem inexplicaveis.

Dir-se-hia que a alma do Escritor, em quanto os seus sentidos estavam recebendo de perto as mil impressões das realidades presentes, lá de cima, de uma altura inaccessivel ás paixões e interesses, de uma esphera desanuveada e luminosa, contemplava impassivel o redemoinhar do mundo, como os deuses de Epicúro, a quem nenhum movimento do Universo podia alterar a quietação.

Tomado por este lado, como é forçoso que tambem o tomemos, o drama de que hoje tratamos é de um merecimento, que nenhum autor poderia exceder, e muito poucos, ainda com a melhor vontade, chegariam a egualar.

*

Das tres joias com que o snr. Garrett tem opulentado a nossa Musa scenica, é esta, em nosso entender, a mais notavel.

O *Catão*, com toda a grandiosidade do seu romanismo, com todo o esplendor da sua linguagem, e com tantos versos invejaveis (até para mestres), é uma obra classica toda concebida da leitura dos Antigos, toda vasada na fórma aristotélica e horaciana. A maior parte do seu merito preexis-

tiu á sua feitura; pertence mais ao genero, do que ao Autor.

Um auto de Gil Vicente foi já obra de costa muito mais a cima. O ter ousado concebel-a denunciava um poeta; e o executal-a por tal arte abonou um poeta grandissimo. Tal genero de drama não tinha ainda antecedente na nossa Litteratura; mas como obra scenica para o Povo, que não é lettrado nem poeta (nem o pode ser), *Um auto de Gil Vicente* devia parecer falto de interesse.

Fôra n'elle o principal empenho representar a Côrte memoravel, e o feliz reinado, do senhor D. Manuel; este é o quadro principal. A acção, posto que recommendavel pelos nomes e qualidades dos personagens, não occupa senão um logar inferior; e, por mais engenho que o Autor despendesse com ella, não era possivel que tal desfecho satisfizesse. E' pois, repetimol-o, mais uma tentativa litteraria de um genero especial, e por ventura novo, um delicioso painel historico representando uma grande época, do que não uma peça theatral segundo as leis acceitas.

E todavia, ¡que riquezas não semeou por toda ella ás mãos cheias o Poeta! ¿Que recursos podia haver na Historia, na phantasia, no coração, ou na linguagem, que o Autor não empregasse com admiravel felicidade?: ¡o grande Rei, e os seus grandes homens! ¡a gloria, e o poderio Portuguez! ¡o mar, e as diffusas armadas! ¡o Oriente, assoberbado de tropheos! por outra parte, os saraus, as festas, e os autos, dirigidos por aquelle nunca assaz estimado Gil Vicente (o rei dos lyricos da nossa terra, se em outra

edade houvera nascido), enfeitiçados pela presença da formosa Infante namorada, poetisados pelos amores, tão *amores*, e tão *saudades*, de Bernardim Ribeiro, perfumados e floridos pela circumvisinhança de Cintra.

Um auto de Gil Vicente será em todo o tempo delicias para quantos forem dignos de o ler; mas ahi, no gabinete, é que elle tem o seu logar, e não no tablado.

A Espada do Condestavel, sim, é verdadeiro drama; e, como tal, sobreleva logo ao *Auto de Gil Vicente*, assim como, por marcado com todo o apuro do gosto moderno, deixa o *Catão* muitos passos apoz si.

*

Dizer a que litteraria familia pertence, difficil empenho seria, se o tentassemos.

A gente horaciana poderia recusal-o, apesar da ua rigorosa unidade de logar, por falta da unidade de tempo (como elles a entendem), e talvez tambem por não verem ahi rigorosamente obedecido o *simplex et unum*.

O povo, muito mais numeroso, dos hypermodernistas taxal-a-hia de pouco enredo, poucos espantos, poucos terrores, carencia absoluta de carceres, venenos e cadafalsos, adulterios, cemiterios, incestos, e mais gentilezas, havidas hoje pela principal mola dramatica, posto seja de todas a mais pobre.

Os partidarios de Dumas não adoptarão um drama, onde o amor não é um frenesi todo physico, onde as paixões não são todas sensuaes.

Os amoucos de Victor Hugo reprovarão caractéres, que agradam por sua verdade, mas não espantam por contrastes repugnantes em cada individuo; chamarão desalinhado a um estylo, que se contenta de ser natural, e não refulge pespontado todo de lentejoilas e palhetas lyricas; finalmente se offenderão de que em vez de scenario de sumptuosa architectura, e de opulentas alfaias, que muitas vezes disfarçam, e muitas mais aggravam com seu brilho, as humildades da dicção, e as vilezas dos affectos, aqui se não divise, desde o principio até ao fim, mais do que uma pobre officina de ferreiro, e uma casa de nobres meio arruinada.

O pequeno numero dos eleitos de De Vigny extranhará, que a corda elegíaca não ressoasse mais, até encobrir com a maviosa lugubridade das suas toadas o concerto de todos os outros tons.

Não; *A Espada do Condestavel* não se ha-de classificar em nenhum dos generos *a la moda*. E' o drama mixto e moderado, nacional e verdadeiro, litterario, moral; é, pelo maior numero de pontos possivel, conchegado com a nossa indole Portugueza, com as nossas recordações e gostos, com o nosso geito peculiar, privado e publico, com os nossos costumes, assim da casa como da cidade; é o drama como o havemos de mistér, resgatado da escandalosa e absurda servidão estrangeira; é um balsão de Ricohomem, arvorado em defensa da nossa já tardia independencia litteraria, em volta do qual, esperemos em Deus que alguns pelejadores accudirão a reunir-se.

Quando dizemos que em Deus se espere tal milagre, exprimimos antes um desejo entranhado e immutavel, do que uma esperança forte assentada em bons fundamentos; porque, por muito boa-vontade que supponhâmos em alguns dos engenhos portuguezes, para proseguir no Theatro este caminho, por onde o snr. Garrett, ha já annos, nos está com grande dianteira acenando e convidando, por muitos e muito bcns proselytos que elle haja feito, já com os seus romances de *Camões*, *D. Branca* e *Adosinda*, já com os seus dramas do *Auto de Gil Vicente*, e da *Espada do Condestavel*, os montes de estorvos que diante do Theatro se levantam, e multiplicam, são bastantes para quebrantar as vontades mais energicas, as tenções mais apostadas.

*

Não ha ainda muito, que as portas da scena se fechavam inexoravelmente a quanto não fosse Francez, ou antes, a quanto fosse Portuguez; que aphorismaticamente se dizia, repetia, e teimava, na conversação e na Imprensa, que para fóra de França, e especialmente em Portugal, não havia salvação dramatica.

Este erro accintosamente propalado, e estupidamente recebido, ia passando em julgado, até que a indignação de alguns poucos bons appellou da sentença, e fez recomeçar o processo.

Conseguiu-se, a poder de perseverança e obstinação, de contrariedades e desgostos, e

quasi á força de armas, fazer entrar talentos Portuguezes em tablado Portuguez; e viu-se, pelo agigantado de seus primeiros passos em campo tão escabroso e desfavorecido, o muito para que era, tambem n'isto, esta nossa sempre desconhecida e sempre apesinhada gente.

Uma das melhores obras do snr. Garrett, o *Conservatorio*, fez apparecer de improviso um cardume, não de obras todas primas, porém quasi todas ricas de esperanças.

A's difficuldades do palco, dos bastidores e dos camarins, accresciam as da plateia, corrompida no seu natural juizo e instincto pela fôrça incontrastavel do habito de estrangeirices nojentas e repugnantes, e pelos elogios que (sob alcunha de juizos) quotidianamente desbaratava com essas mesmas estrangeirices a Imprensa periodica, nem sempre independente, e quasi nunca imparcial.

De tudo isto resultava, que esses mesmos chamados *dramas originaes Portuguezes*, a fim de poderem tomar pé e manter-se por algum tempo, eram obrigados a trajar á Franceza, assim nos costumes, como no estylo, como na linguagem.

A Racine o arguem os seus, e com rasão, de haver nas tragedias afrancezado Gregos e Romanos. Mau era, porque era desnaturalisar a Historia; mas uma desculpa se lhe devia; e era: a de a naturalisar para a sua terra. Os nossos fizeram peor, porque desnaturalisavam os heroes e sujeitos da nossa terra, para os converter em afrancezados e franchinotes. Este abuso, se não estragou para sempre a muitos engenhos, muitos fru-

tos d'elles não ha duvida que os insuou e perdeu.

D'est'arte, a reacção nacional, que havia de mistér forças de gigante, se fez de dia a dia mais impotente; a nossa provada originalidade tornou a cahir; ressurgiu mais insolente a gallo-mania dramatica; e, posto que alguns mancebos ainda de tempo a tempo fossem bater ás portas do espectaculo, para offerecer a obra de suas lucubrações, o genio da traducção porca, que já na casa tinha posse velha, constantemente lhes respondeu que não; e, vendo-os retirar-se envergonhados, lhes lançou triumphalmente olhos de lastima e desprêzo.

*

N'esta completa abstinencia de nacionalidade e normalidade se achava o Theatro Nacional e Normal, quando o snr. Garrett, tomando sobre si os peccados de todos, querendo pagar e sacrificar-se por todos, conseguiu (todos hoje sabem que foi façanha) fazer representar o seu *Alfageme*

¡Oxalá, repetimol-o, que este rebate de alarma abale animos generosos para encetar contra *desportuguezes* e *antiportuguezes* segunda cruzada! ¡e oxalá, que mais bem succedida que a primeira!

Tempo ha de vir... (n'isso temos fé; a Deus prasa que não seja tarde, mas receâmol-o) ha de vir tempo, em que muitos bons espiritos, que hoje não ousam de abalançar-se á feitura de um drama, pelo justo pavor que lhes infunde a ideia de o ver passar por

tantas mãos inimigas ou ineptas, antes de poder chegar, rachitico e desfigurado, á presença do Publico, affoitamente os escreverão, podendo contar com emprezario, directores e actores Portuguezes, que se présem de o ser, e com uma plateia sinceramente convertida e apaixonada das coisas patrias. Mas (repetimol-o) essa edade de Astrêa ainda a reputamos afastada; e eis ahi por que mais julgamos de agradecer ¡ esta generosa, esta heroica abnegação do snr. Garrett!

Elle anteviu, sem duvida, toda a extensão e acerbidade do seu martyrio; e não esmoreceu. Atravessou, pacientemente, com a sua cruz ás costas, todas as ruas da amargura, que um autor *in partibus infidelium* tem infallivelmente de regar de suor, antes que chegue ao seu calvario do tablado, *locus ignominiæ*, para ahi, sob o titulo de rei, ser crucificado... entre não sei quem.

*

Uma analyse circumstanciada do *Alfageme*, na qual se houvessem de registar todos os seus meritos, tomaria um livro; não cabe nos espaços acanhados de um jornal. Apontaremos todavia algumas coisas, deixando aos leitores o desenvolvel-as, e o atinar por si mesmos com as de mais.

*

Os caractéres são, em geral, quanto a nós, mui correctamente desenhados. Em cada um dos principaes ha quanto baste de ideal

para o podermos haver por legitimamente dramatico, sem comtudo disparatar dos typos usuaes da natureza humana.

Fernão Vaz é um heroe da popularidade, um liberal, um tribuno do seu tempo; mas não é um Graccho, um Virginio, ou um Bruto. A heroicidade não mascára n'elle a humanidade; o grandioso de seus feitos prende em grande parte a interesses privados, que elle não dissimula: em motivos de amor e de ciume.

Nuno Alvares Pereira é tambem um homem, e não uma aventêsma moral.

A moça *Alda* é uma namorada, mas que fala como gente; e nem no que diz, nem no modo como o diz, desbarata hyperboles pittorescas repugnadas do bom-gosto; e no que faz, como no que deixa de fazer, observa sempre aquella justa mediania, sem a qual não ha verisemelhança, que é em rigor a verdade dramatica.

Mendo Paes é um malvado, um cobarde, um traidor, espia e denunciante; em mãos de um romantico seria um excellente cabide, para n'elle se pendurarem e alardearem quantos horrores a imaginação podesse delirar; *Mendo Paes* aqui é um homem pessimo, porém natural e reconhecivel.

Froilão, tambem todos nós o reconhecemos, todos nós algures o encontrámos, e o amámos, e o havemos de amar se de novo o tornarmos a ver.

As raparigas e o Povo são aquillo: ellas, trabalhando e cantando, não pensam senão em casar; elle, trocando o trabalho pelos alvorôtos, deixa-se contradictoriamente re-

volver para onde o impelle a primeira voz que se levanta.

*

¿Unidade de acção? Alguem tem reprehendido ao drama por falta d'ella; mas havemos a reprehensão por pouco justa.

A verdadeira *acção* aqui não é a amorosa, se não a politica. Alda com D. Nuno Alvares, e o Alfageme com Alda, são apenas incidentes necessarios para o enlace das differentes partes em um todo; mas não são o fim, que desde o levantar do pano se annuncia, e se tem o direito de esperar.

O espectaculo verdadeiro e dominante é a luta das ambições na terrivel arena da successão a um Throno; e essa luta, no meio dos episodios que a rodeiam, lá se vê constantemente sobrepujar, como figura primaria do quadro.

Tal é pelo menos o effeito, que em nosso senso intimo produziu a primeira representação. E, pois que viemos aqui, não omittâmos uma comparação, para nós de muita honra.

Ruy Blas é tambem um conflicto entre os interesses de differentes classes; mas em *Ruy Blas* não vemos, como na *Espada do Condestavel*, a Poesia transformar-se em Philosophia, e a mais severa imparcialidade apresentando lealmente o bem e o mal de cada classe, confrontando-as sem paixão umas com as outras, e abstendo-se de sentenciar, ou de canonisar alguma d'ellas.

De boa mente copiaremos palavras do proprio Autor no prologo da sua obra:

«Quiz-se pintar n'este quadro a face da sociedade em um dos grandes cataclysmos por que ella tem passado em Portugal. O pintor isolou-se de todo o sentimento e sympathia — paixões politicas não as tem — para ver e representar, como elles foram, são, e hão-de sempre ser, os dois grandes elementos sociaes, o popular e o aristocratico. Tomou para primeira luz do quadro as principaes figuras da interessante anecdota da espada de Nun'Alvares Pereira, e da prophecia do alfageme de Santarem, tão sinceramente contada n'aquelle ingenuo estylo patriarchal da primeira *Chronica do Condestabre*, d'onde passou depois para os historiadores e poetas que a repetiram.

«O fundo e accessorios do quadro teem o mesmo caracter de desenho e côres.

«Em Fernão Vaz, o alfageme, e na sua gente, Gil Serrão, Braz Fogaça, etc., estão os populares, com todos os sabidos defeitos e com todas as inquestionaveis virtudes da classe. Nun'Alvares Pereira é o bello ideal da Nobreza; Mendo Paes o do seu abastardamento. No ultimo está a prosa torpe das revoluções; nos outros, a poesia d'ellas.

«Froilão Dias é o homem sincero do passado, o ministro da paz e da verdade, por que é verdadeiro ministro de Deus. Risonha com os pequenos, austéra com os grandes, a sua voz clama sempre no deserto; que não ha deserto mais surdo, nem mais cego tambem, do que a tumultuaria praça da revolta.»

*

Duas feições caracteristicas d'esta peça, que não podem passar sem muito louvor, são a familiaridade e conchego de muitas de suas scenas, abundante mina que os dramaturgos de nosso tempo demasiadamente se esquecem de explorar, e o acertado emprego da musica.

Sabemos que n'esta parte nem todos são do nosso parecer; mas nem por isso escureceremos a verdade.

O trazer o canto para o theatro de declamação, ou é um grande acerto, ou um grande disparate.

Grande disparate, quando, como no *Dominó*, e em outras muitas peças Francezas, não vem o canto accessoriamente e como canto, mas como acção, ou parte do seu andamento;

1.º — porque então a declamação, que precede e segue, lhe está desmentindo toda a verisemelhança; o que na Opera não acontece, porque lá, como desde o principio até ao fim nada se ouve que não seja musica, o espectador acceita a ficção de ser aquella a linguagem de taes personagens;

2.º — porque a parte da acção que só foi expressa pelo canto ficará perdida todas as vezes que as palavras d'este se não perceberem, o que assim é por via de regra; resultando, a final, que de taes dramas hybridos não ha quem, depois de os ter seguido com toda a attenção, possa relatar precisamente todos os incidentes; do que, seja prova o mesmo *Dominó*.

E' porém grande acerto, quando, como no *Alfageme*, o canto vem trazido como tal, e com tanta industria sôlto, que em o demittir da acção a não mutilem.

Mas aqui, para o apreço que d'elle fazemos, accresce a conformidade em que elle se acha com os nossos principios, já expendidos em o artigo 134 do 1.º volume,[1] sobre os progressos da Musica Italiana.

O snr. Pinto[2] ousou pôr de parte o seu riquissimo cabedal musico estrangeiro; não quiz rivalisar Bellini ou Meyerbeer; contentou-se de escrever conforme ás palavras do Poeta, que eram populares, humildes, singelas, e graciosas, em summa, *xácara*, ou *romance*. Ouvindo os seus córos, a sua canção do alfageme, a sua Rainha Ginebra, e a sua Bella Infanta, não é impossivel que nos lembrem Bellini ou Donizzetti; mas tambem, não é possivel que deixem do nos acudir á memoria, entre milhões de saudades, as nossas avós, a nossa infancia, os nossos serões, as nossas romarias, e as nossas aldeias; e tudo isto vale pelo menos tanto como as coisas que mais valem.

Não somos nós musicos; mas n'esta terra nos creámos, e mais temos vivido n'ella do que em S. Carlos. Como taes, podemos afiançar ao snr. Pinto, não palmas e lauréis, que a nós nos não compete adjudicar, porém

[1] Intitula-se *Progressos da musica Italiana;* é assignado X, como este; mas é de Castilho tambem.

Os Editores.

[2] Francisco Antonio Noberto dos Santos Pinto.

Os Editores.

corôas mais formosas, e muito mais para apetecer, se elle continuar a provar a mão n'este genero, em que tão agradavelmente se estreou.

Pena é que a falta de vozes, dignas de o interpretar, mallograsse algumas partes da sua linda obra; grande pena, que a xácara das duas moças no 5.º Acto, bello ornamento de uma das mais bellas scenas, a cortassem nas ultimas representações; e pena grandissima, e grandissima vergonha, que, sendo notório haver ahi melhores vozes, que bem a poderam cantar, por não sei que enredos ou mesquinhezes se não quizessem valer d'ellas. ¡Ruas de amargura, corôas de espinhos, tambem para o Musico! para todos ha d'isso, onde ha theatro.

*

Tanto bem como do escrito dissemos, quizeramos dizel-o da representação; mas n'esta, afora o vestuario, estudado com a mais escrupulosa erudição, quasi nada achámos que não fosse ou mediocre, ou d'ahi para baixo; mediocre na primeira noite, e d'ahi para baixo, com progresso sempre crescente, em quantas se lhe teem seguido.

Drama, que, tão completamente desentendido por quasi todos os que o recitam, ainda assim grangeia tão continuados applausos dos espectadores, ¡grande realidade de merecimento deve possuir!

Os seus fados, julgamos poder desde já prophetisal-os com segurança: no theatro morrerá; «mataram-te, alfageme! pois ma-

taram um homem;» na Litteratura Portugueza occupará sempre um logar distincto; será sempre lido com satisfação.

E quando a Deus prouver que tenhâmos um theatro, uma escola de declamação, uma companhia, e em tudo isso e em nossas almas nacionalidade, então ressurgirá na scena para nunca mais sahir d'ella.

(*Rev. Univ. Lisb.*)

XXXIII

PRECIOSIDADE PARA VELHAS E MOÇAS

(Março de 1842)

Os Gregos, que fabularam todas as coisas, disseram, e os Romanos, que fabularam *todas as coisas e outras muitas mais*, repetiram, que, despeitosa Juno contra o *tunante* do marido, por este haver produzido uma filha, emprehendêra a mais extraordinaria peregrinação, que nem deusas nem mulheres jámais fizeram. Ia por esse mundo a cabo, em cata, de aventuras não, que não era ella femea para leviandades, mas de algum segredo natural, possante para a tornar mãe sem a mercê de seu marido. Não admira... que em demanda tal chegasse a cançar e esmorecer.

Viu ás portas de um templo de Flora (não sei eu agora em que paragem, mas lá devia de ser por essa Grecia) uns poiaes mui perguiceiros, que, menos quebrantada que ella fôra, bem a houveram convidado a repoisar-se. Era pela volta do sol posto; de

primavera não falemos, que sempre n'aquelle sitio devia ella de reinar. Reclinou-se no musgo fôfo dos poiaes; e, phantasiando em seu empenho, quasi se ia deixando adormecer ao derradeiro raio do sol, quando Flora, que (já sabeis) tambem tem que fazer com a noite, sahiu a espairecer-se pela fresquidão temperada do crepusculo; dá com os olhos em Juno; maravilha-se; e mais subiu a maravilha de ponto, quando soube a diligencia, com que de porta em porta mendigava sem achar remedio.

—A boa vieste bater,—lhe disse por fim,—que tenho eu nos meus hortos uma flôr de tão peregrina condição, que fio satisfará todos teus desejos.

Então lh'a foi mui aguçosamente colher, e lhe explicou o como d'ella se havia de servir. Lástima foi, que d'essas explicações não ficasse lembrança registada, e que da flor nem Theophrasto nem Plinio nos mandasse descripção.

E' especie provavelmente perdida; e tão perdida, que nem saudades cá deixou.

Em summa: que Juno tão bem se deu com a droga, que, passados nove mezes fez uma figa a Jupiter, produzindo em suas barbas um filho; e não, qual o promettia a sua origem, floridinho e engoiado, se não reforçado, e tal, que veio a ser o deus da Guerra.

*

Na França, onde tambem se fabúla muita coisa, sahiu, não ha ainda agora muito tempo, um livro de um Doutor, em que se tra-

tava de como, sem casar, e só por si, podia qualquer moça sahir com prole. O editor não foi apedrejado, e enriqueceu.

*

Até aqui, mercê de Deus, não ha senão fabulas gregas, romanas, e francezas.

O que porém agora relataremos, posto que mui parecido com ellas, e pouco menos maravilhoso, em taes fundamentos se abona, que para crido lhe não faltam fóros.

Não se trata de ter filhos, se não de ter leite por fora do teor usual da Natureza. E' tambem n'uma planta que se enthesoira esta singular virtude; mas, d'esta vez, a Flora que a offerece, não é a da Grecia, sim a da Africa; e não em segredo a uma deusa, se não a quantas mulheres ha ahi, velhas ou moças, casadas ou donzellas. Ser femea, e usar da planta, são os unicos requisitos para poder amamentar.

Tomemos mais alguma luz para entrarmos affoitos n'este mysterio; de boa parte, e por boa mão, nos vem ella deparada.

*

Lemos no excellente *Jornal das Sciencias medicas*, de Lisboa, um capitulo do snr. Doutor Bernardino Antonio Gomes acerca da materia; d'ahi colhemos o que ora vereis.

De Cabo Verde se mandaram sementes do que lá chamam *bafureira*; lançou-as o autor á terra; nasceram-lhe; poude logo estudar a planta pelos seus olhos.

«A separação dos sexos em flores monoicas, o numero, forma, collocação de seus estames, pistyllos, ovario, e fruto, a forma, finalmente, e divisões dos cálices das duas ordens de flores, denunciam claramente a familia *euphorbiaceas*, o genero *ricinus*.

«N'este *genero* menciona Brotero, como existente em nosso paiz, unicamente a especie *ricinus communis*, bem conhecida. Apparece cultivada em alguns terrenos da Capital (e hoje o jardim do Hospital da Marinha é um d'elles) outra especie, que differe da primeira pela maior proporção de seus frutos, folhas, e em geral todas as parte da planta; pela falta de lustre, e coloração roxa das folhas e caule, proprios do *ricinus communis*; e finalmente pela ausencia de aculeos molles, que na maior parte das especies d'este genero costumam revestir a superficie exterior de seus frutos, a qual superficie, na presente especie, é perfeitamente liza. E' provavelmente esta planta a especie, ou talvez simples variedade, *ricinus communis* de Jacquin.

«A bafureira parece ser tambem uma variedade de *ricinus communis*; com effeito, differe do nosso carrapateiro unicamente pela menor proporção das diversas partes que a compõem, pela falta de lustre e coloração rôxa de suas folhas e caule, substituidos n'esta planta por um inducto como pulverulento, esbranquiçado, e que, facilmente separado com os dedos, deixa vêr inferiormente uma superficie verde clara. No mais é esta planta perfeitamente semelhante ao nosso carrapateiro.

«Os caractéres distinctivos, que referimos,

sendo d'aquelles, que a cultura, variedade de terreno, clima, ou exposição, facilmente modificam, e podem mesmo mudar, não são por isso sufficientes para fazer olhar esta planta como especie particular, que o pode ser todavia, se todas aquellas condições diversas não são capazes de produzir uma semelhante modificação. Sobre este objecto, porém, a observação e experiencia só podem sentenciar.

«A bafureira, além do interesse que dá pelo oleo de suas sementes, semelhante em tudo ao dos outros carrapateiros, e que é por isso empregado nas ilhas de Cabo-Verde, não só na qualidade de meio medicinal, mas como um util combustivel para illuminação, offerece aos habitantes d'aquelle paiz um recurso pharmaceutico de outra ordem, sobre o qual julgamos dever chamar a attenção dos praticos; e tanto mais, quanto não vemos que um só autor de materia medica faça menção de semelhante propriedade.

«Tem-nos sido dito por pessoas, que teem vivido nas ilhas de Cabo-Verde, ou na Costa de Africa, que é usual pratica mais antiga entre o povo o servirem-se as mulheres d'aquelle paiz das folhas de bafureira, com o fim de activar a secreção lactea. Affirmam-nos algumas d'estas pessoas, que pela sua educação julgamos superiores a prejuizos grosseiros, que é tal uma semelhante virtude, que não só nas mulheres recemparidas ella se opera, mas chega mesmo a produzir-se nas virgens, ou de avançada edade: acontecendo ter-se visto por este modo alimentarem

por muito tempo creanças, mulheres a quem por sua edade e demais circumstancias, nenhuns estimulos naturaes seriam capazes de desafiar uma semelhante secreção.»

*

Nada afiança por si o nosso autor acerca do assumpto; mas pondéra que nas tradições e praticas populares muita coisa tem a Medicina lucrado; pelo que, dar logo de mão a uma grande novidade, só pelo motivo de o ser, não é de animos prudentes. No que n'esta sciencia ha de racional — diz elle — não podemos por ora confiar tanto, que sem exame reprovemos tudo que parece sahir da esphera de nossas explicações.

O modo de emprego costuma ser em cataplasmas das mesmas folhas verdes applicadas aos seios, ou em repetidas lavagens dos mesmos seios e orgãos exteriores de geração, feitas em cosimentos concentrados das referidas folhas. Algumas vezes tomam em bebida conjuntamente porções d'estes cosimentos. Recommenda-se evitar o dar ás creanças o primeiro leite obtido por este modo, por ser nimiamente impregnado de principios, cujos effeitos podem ser mais ou menos nocivos ás creanças.

São tantos os exemplos que nos teem vindo relatados de creações feitas e perfeitas em Cabo-Verde com estes leites virginaes, que á nossa crença a seu respeito já nos não parece poder caber o nome de credulidade. Falta agora averiguar, se, passados para os nossos ares, mormente a subitas, e sem vi-

rem por competente escala de climas, onde se lhes quebrem as esquivanças e extranhezas, estas plantas conservarão a virtude. Que valem a pena da experiencia, coisa é em que ninguem porá duvida, como sejam os facultativos, que n'isso intendem, discretos e prudentes.

As vantagens de tal achado por si mesmas estão ferindo nos olhos. ¿A quantas mães não fallece inteiramente o leite? ¿A quantas outras, por causas physicas ou moraes, se não diminue, ou refoge totalmente? ¿Quantos expostos não definham e morrem á mingua d'elle, por todas essas Misericordias, muitas vezes e quasi sempre forçadamente deshumanas?

Soccorremo-nos, em semelhantes apertos, ao leite dos animaes; mas esse em bondade cede tanto ao das amas, como o das amas ao das mães. Cultive-se, tente-se, e retente-se pois a bafureira. Muitos centenares de existencias lhe poderão ainda vir a ser devidas. Por ella a mulher, já despojada dos deleites da maternidade, poderá experimentar de novo a doçura inefavel de ter fontes de vida para labios innocentes. Por ella a moça poderá antecipar, sem perder ou a sua liberdade ou a sua virtude, o mais agradavel officio do seu sexo. A' sombra, emfim, d'essa abençoada planta, e tão poetisadora, poderá a mulher reunir ao mesmo tempo em si os dois extremos da graça, do feitiço, da amabilidade, da perfeição do seu sexo: a virgindade, e a maternidade.

(Rev. Univ.)

XXXIV

UMA IGUARIA GRATUITA

(Abril de 1842)

¡Valha-nos Deus com a aristocracia!

¡Desegualdades entre os homens, desegualdades entre os animaes, e até desegualdades entre as plantas! ¡Desegualdades em todas as coisas, e até nos vocábulos desegualdades!

¿Quem metterá, por exemplo, em poesia, em eloquencia, ou ainda em papel que haja de ser lido diante de gente, o nome de *favas*? E mas são as favas tão antigas no mundo, e tão filhas de Deus, como os loiros, e as flores dos jardins; e, muito mais do que elles e do que ellas, prestadias e amigas da pobreza.

Como taes (quando mais não fosse) já d'ellas se poderia falar n'uma folha consagrada á utilidade; mas antes que as ponhâmos a servir, bom será que, para lhes evitar alguns desdemzinhos de soberbos, puxemos por suas nobrezas, que não são nobrezas os préstimos, se não os pergaminhos.

Sim, senhores, tambem as favas teem a sua historia; e muito mais antiga, que a de muitas prosapias. Se hoje se acham plebeias, são voltas do mundo, são phantasias da fortuna; já em melhor conta se viram entre povos bem grandes e bem politicos.

Se houvera um Conde Dom Pedro dos legumes, mui para ver seria no seu *Nobiliario* o capitulo das favas.

Diz um autor, que foram favas o primeiro sustento da nossa especie.

Catão e Plinio referem que as primeiras edades quizeram fazer d'ellas o seu pão.

Entre os Egypcios havia-se por fé que as almas dos finados se iam metter nas favas; ¡apertado paraizo lhes concediam! e por isso, tanto as acatavam, que as não comiam.

De Pythagoras, acerca das favas, que a seus discipulos prohibia, disseram uns que as antojava, pelas ter na conta de ruins influidoras de ruins desejos; outros que, porque muito lhe sabiam, como exercicio de temperança se abstinha d'ellas.

Terras ha ainda agora por esse Oriente, onde egual abstinencia vai observada; e na costa de Coromandel, e em Surrate, lêmos que alguns de seus moradores antes se deixariam matar, do que levar á bocca uma só fava.

Nos sacrificios aos deuses infernaes, e para afugentar os maus espiritos, derramavam favas os Romanos.

Com favas se votava em Athenas para a eleição dos magistrados; e ainda agora na Athenas d'esta nossa Europa, que é París, ¡ver o que vai em dia de Reis! cortam em

tantos pedaços quantas são as pessoas da casa, e mais convidados á festa, um bolo grande, que lá tem dentro escondido um grão de fava. Fervem enredos no dividir dos quinhões, porque a pessoa onde a fava fôr cahir levará para todo esse dia titulo e autoridade de *Rei*, ou de *Rainha*. Se Rainha sahiu, novas ambições, que tem ella para eleger o seu consorte; se é Rei, novas brigas de ciumes, que vai escolher d'entre as subditas uma esposa; e esta Rainha, e este Rei, e estes vassallos, até bater a fatal meia-noite que destruirá o throno para renascer sob novos possuidores d'ahi a um anno, gosam-se de uma risonha edade d'oiro de poucas horas; e este Reino, feliz com seus Monarchas, e estes Monarchas ainda mais felizes com o seu Povo, tudo isto foi devido á virtude de uma fava.

Já temos pois as favas illustres apezar de sua vulgaridade, apezar de sua humildade, que nunca á meza de Principes se veriam, mas sempre por arribanas de hortelões, por quarteis de soldados, gamellas de marinheiros, ou refeitorios de penitentes; apezar, emfim, de não só animaes com ellas se nutrirem, mas serem em muitas partes desprezivel adubo da terra as suas plantas; nobres sem embargo de humildes, e, ainda que não ociosas, fidalguissimas.

*

Mas eis-nos aqui, depois de tão laboriosas e fecundas investigações historicas para darmos decentemente á luz o nome das

favas, eis-nos aqui entrados a novas difficuldades para atracar o verdadeiro fim do nosso artigo.

Facil e agradavel nos foi o exaltal-as: mas como escritor nos custa o havermos com ellas de descer das altezas historicas ás afumadas profundidades das cosinhas dos pobres. Fal-o-hemos entretanto, e sem preambulos, que não requerem portas d'estas grandes ceremonias para se abrirem. Os opulentos, que se retirem para os seus banquetes, e nos não oiçam; e todos assim ficaremos bem.

*

Sabei pois, que ha nas favas dobrado e melhor sustento, do que suppondes.

Coseis-lhes os grãos, e lançais-lhes fóra as cascas; ora recolhei as cascas, de que já não fazieis conta, e que por isso (como no titulo propozémos) vos veem de graça Cosei-as; refugae a vossa cebola, e guizae-as como vages de feijão. Sentae vos com vossos filhinhos á meza; tereis dobrada abundancia; e, em logar de um, dois pratos; e melhor o segundo que o primeiro.

Novidade não é essa -- dirá alguem.

A' fé que não; mas nem ainda tambem por ella vos requeremos nós alviçaras; mas, porque muitos, ou quasi todos, a desconhecem, e por isso esperdiçam n'este genero a metade da sua fazenda, nem nos corremos nem nos pesa de lhes ensinar tão boa receita.

Tambem nós, ainda ha dois dias, a ignoravamos; por um acaso a descobrimos,

entrando a descançar de um largo passeio pelo campo n'uma quasi choupana, onde a sêde nos attrahira, onde o cheiro de tão saboroso guisado, e o cordeal convite da dona da casa para nos d'elle aproveitarmos, nos determinou a jantar.

Em recompensa da sua hospitalidade, promettemos-lhe a gloria de a fazer figurar n'um artigo de jornal; offerecimento que nos ella agradeceu como boa, sem o entender. Era tão abençoada aquella choupana.... que nem ainda jornaes lá tinham chegado. Hoje nos desempenhamos da nossa palavra, o que ella de certo nunca saberá.

Essa mulher chamava se Maria; merecia o nome, que era boa e amavel, e tinha as melhores mãos do mundo, assim para cosinhar um guisado, como para o servir; mas onde a sua choupana fica, eis ahi o que vos não diremos.

(*Rev. Univ.*)

XXXV

SIR WALTER SCOTT

Traducção do seu romance «Kenilworth» pelo Conselheiro André Joaquim Ramalho e Sousa

(Abril de 1842)

Publicou-se a esperada traducção do *Kenilworth* de Walter Scott pelo snr. Ramalho e Sousa; 4 volumes em 8.º

As outras duas novellas do mesmo Autor vertidas pelo mesmo Traductor, *Ivanhoe*, em 1838, e *Quintino Durward,* em 1839, são já tão conhecidas do Publico, e tão estimadas dos litteratos, que o annunciar agora esta é quasi pedir alviçaras de uma boa nova.

Não ha probidade litteraria mais inteira, nem consciencia mais escrupulosa e delicada, que a d'este nosso benemerito Escritor. Toma-se com o seu Autor na propria Lingua, em que é excellente sabedor; estuda-o; anatomisa-o até á intima fibra, até á mínima molécula; apodera-se de toda a sua individualidade ingleza; e, tão rico em o nosso

idioma como Walter Scott no seu, procura, e encontra, com que nos dê, sem nunca deslisar de purista rigoroso, a expressão fiel, a physionomia, os geitos, as circumstancias mais imperceptiveis, d'aquelle fundador e principe do Romance historico.

Sabemos que o snr. Ramalho tem proposito firme e assentado de levar a diante esta empreza, ardua e gloriosa, de transplantar para a nossa terra os mais que ser possa da numerosa familia dos romances do illustre Escocez, e que já *Anna de Geierstein* é objecto dos seus cuidados.

Muito seria para desejar que, havendo uma sociedade para as mesmas traducções, e que tão bem se estreou já com a *Lenda de Montrose,* (ao seu Traductor pelo menos o julgamos merecedor de animação e bons conselhos) entre tal sociedade e o snr. Ramalho se fizesse á boa-mente a partilha dos romances por traduzir, para que não venha a acontecer que fiquemos com alguns duplicados, com mutuo prejuiso para ambas as partes, e privados de alguns outros.

Uma só coisa requerêramos nós ao snr. Ramalho: era o provar agora a mão n'um diverso systema de traduzir, experimentando na sua *Anna de Geierstein* um pouco mais de liberdade nas formas da elocução.

Bem possue elle, segundo nol o tem mostrado, sobejo cabedal da patria Lingua, para nos envolver toda aquella substancia ingleza nos nossos modos de exprimir e pensar, que são verdadeiramente os que a uma qualquer leitura dão o maior sabor e conchego. Se isto lhe supplicamos, é só por estarmos inti-

mamente convencidos de que, dando-nos Walter Scott, se nos pode dar a si mesmo, e juntar ao Classico dos romances outro Classico de *estylo* nosso, como já de *linguagem* nol-o dá.

Todavia, não dissimulamos que o seu methodo de absoluta fidelidade tem vantagens, e summamente ponderosas. Estes seus livros, assim feitos, são impagaveis auxiliares, tanto para os Inglezes que desejem per si aprender o Portuguez, como para os Portuguezes que desejem aprender o Inglez. Se o nosso alvitre, comtudo, fosse acceito, parece-nos que, por via de notas, não seria impossivel restituir aos estudiosos o que no texto se houvesse discretamente variado. Em summa: que aos nossos dois traductores pediriamos, quanto a isto, duas coisas mui diversas: ao snr. Silva, menos infidelidade; mas ao snr. Ramalho menos sujeição.

Quanto ao snr. Ramalho, sabemos que para tão experimentadas e dextras mãos, nem impossibilidades nem difficuldades pode haver em tal materia. Quanto ao snr. Silva, que suppomos novél ainda no officio, esperamos que seja assaz desejoso do seu proprio aperfeiçoamento, para consultar e seguir docilmente a um guia e pratico tal, como o snr. Ramalho.

(Rev. Un. Lisb.)

XXXVI

THEATRO

DE

JOÃO BAPTISTA DE ALMEIDA GARRETT

(Maio de 1842)

Da officina de Morando acaba de sahir o suspirado 3.º volume das *Obras completas* do snr. Garrett, 2.º do seu *Theatro*. Contém: *Mérope*, tragedia em cinco actos e em verso, precedida de um prologo; e *Um auto de Gil Vicente*, drama em prosa, e em tres actos, com um prologo do Autor, um prefacio dos Editores, e dois artigos acerca do mesmo drama, extrahidos do *Diario do Governo*, e da *Chronica litteraria* de Coimbra.

Sobre o *Auto de Gil Vicente* confirmamos quantos sinceros elogios em o nosso artigo 137 do 2.º volume (da *Revista*) lhe haviamos dado, concordes com todos os lettrados e não lettrados que o viram em scena. E' peça que ha-de viver em quanto durar Cintra, e a memoria de Gil Vicente, de Bernardim

Ribeiro, e de D. Manuel, ou pelo menos, em quanto persistir um vestigio de Litteratura e Lingua Portugueza.

Porém a *Mérope*, fruto de annos ainda mui verdes, temol-a por inferior a quanto do snr. Garrett havemos lido.

Entre a numerosa familia das *Méropes*, é esta (em nosso entender) uma das menos bellas: pequena acção; caractéres imperfeitamente desenhados, e pouco verdadeiros; posições e lances inquestionavelmente falsos; pouco escrupulo no estudo dos costumes gregos; etylo descurado; versificação fria e prosaica.

Não mereceriamos nós louvar tantos outros escritos admiraveis do snr. Garrett, se fossemos capazes de o lisonjear; e intimamente estamos convencidos, de que o seu juizo a este respeito não discordará muito do nosso.

Não foi aqui empenho seu provar-nos que nascêra logo poeta maximo, porém mostrar, a fim de dar brios e exforço a principiantes, que tambem elle principiára engatinhando, e que de mui baixo, com perseverança e estudo, em o talento não fallecendo, se póde arribar ás maiores alturas.

Encarada d'este modo a *Mérope*, é ainda um opusculo valioso, e não inutil para se completar o capitulo brilhante que ao nosso Poeta se reserva na Historia Litteraria.

Dos dois prologos do Autor nada diremos; leiam-n-os, que são ambos elles modelos bem perfeitos de muitos e mui diversos generos de escrever.

(Rev. Un. Lisb.)

XXXVII

EUGENIO SCRIBE

«LES PREMIÈRES ARMES DE RICHELIEU»

(Maio de 1842)

Theatro Nacional e Normal da Rua dos Condes

Domingo 8, assistimos, emfim, pela primeira vez á façanhosa comedia das «Primeiras proezas de Richelieu».

Não conheciamos o original francez d'esta peça; e, apesar do muito que pessoas de credito contra ella nos haviam dito; apesar de sabermos que as censuras do Conservatorio a tinham reprovado, e que a licença para a representação se não conseguira senão tarde, e um pouco por fóra das vias ordinarias, [1] não imaginavamos comtudo que

[1] Sabemos que o drama estava nas mãos de um censor para ser licenciado, quando baixaram, approvados por sua Majestade, os novos Estatutos, que regulam, que só depois do voto de tres censores, possa qualquer peça ser licenciada

A Inspecção dos Theatros, não só por julgar dever subordinar ás disposições dos novos Estatutos

podesse ella ser tal, como a achámos em realidade.

Não fazemos exposição, nem do seu enredo, aliás bem traçado e engenhoso, nem de suas sentenças moraes, gracejos e finuras; essa relação, por mais que a nós disfarçassemos com tresdobrados veos, nunca seria possivel presental-a em um papel, que pode ir parar a muitas mãos honestas.

Crêmos firmemente que a Inspecção Geral dos Theatros e Espectaculos do Reino, magistratura litteraria e moral de summa

todos os negocios pendentes, mas porque estava informada das immundicies do drama, enviou-o a uma commissão, de que foi parte o snr. Visconde de Villarinho de S. Romão. Esta Commissão (¡bem haja!) desapprovou decididamente o drama; e a Inspecção declarou que não dava licença para tal representação.

Constando isto ao Emprezario, foi, com as suas muitas relações, atravessar-se na Secretaria do Reino, d'onde resultou baixar uma portaria fulminando o empregado que servia de Inspector. Por outro lado, o Emprezario declarou, que não poria em scena uma peça original portugueza, se lhe não deixassem representar o seu *Richelieu*.

Não sabemos por que meios, a peça appareceu a primeira vez em scena, e na Quaresma; o que foi causa de se despedir do Conservatorio o snr. Visconde de Villarinho.

Dizem-nos que o actual Inspector, julgando não poder domar senão ás boas o Emprezario, se decidira a ir ter com elle, pedindo-lhe que retirasse a peça, e ponderando-lhe que se lembrasse, ao menos, de que era Quaresma, etc.

A peça retirou-se; e julgava-se que não voltaria; porém foi ressuscitada sabbado no beneficio da senhora Emilia; voltou no Domingo, e grandes enchentes lhe dará a ociosidade immoral de uma boa porção do Publico, se continúa.

importancia, dará providencias para que tal escandalo, que ainda em casas professas de devassidão o seria, para sempre se desterre de um Theatro que se obrigou a ser «Normal», e como «Normal», recebe da Nação talvez muito mais do que ella póde despender.

Acerca da prostituição, respeitaveis philosophos teem escripto, que é esse um mal que os Estados devem tolerar; mas nenhum philosopho ainda se atreveu a dizer, que devam os Estados pagar uma escola publica de prostituição. Chamamos para este ponto, que é gravissimo, toda a attenção das autoridades, da Imprensa, e do Governo.

Não temos nós, a respeito dos espectaculos scenicos, tão austéra opinião, como o rígido moralista Felice. Conhecemos o seculo em que vivemos; e obrigados a condescender algum tanto com os vicios incuraveis, confessamos com o philosopho de Genebra, que taes espectaculos em cidades corrompidas são necessarios. Entretanto, não é menos necessario sujeital-os ás regras geraes e invariaveis dos costumes: prohibir-lhes inexoravelmente o que na sua «liberdade», já de si arriscada, se quizer enxertar de «licença»: em summa: fazer com que ahi se não vá vêr e ouvir, com a maxima publicidade, o que nenhum pae de familias sizudo, consentiria, que no secreto de sua casa se praticasse ou se dissesse. Isto basta e sobra para os partidarios dos bons principios.

Mas aos sectarios apaixonados e absolutos do Theatro, aos que, ou por sua edade ain-

da verde, ou por não ligados (ou por só ligados imperfeitamente) com os vinculos naturaes da familia, ou por já pervertidos com falsas theorias philosophicas, defendem o Theatro de qualquer modo que lh'o dêem, a esses diremos: que, se os naturaes tutores da publica moralidade continuarem de consentir em torpezas d'este genero, o Theatro, em vez de caminhar para a perfeição, continuará a pender cada vez mais para uma total ruina.

A infamia, que todos os povos, todos os seculos, e todas as religiões, gravaram sempre nas frontes dos comediantes, a ninguem poderá parecer uma preoccupação quando, em vez de louvaveis exemplos e doutrinas, elles forem (como n'esta peça) os oradores, mestres, e exemplares, das mais ignobeis e immundas obscenidades.

Tende no vosso archivo de Empreza dois ou tres d'estes manuscritos, e procurae d'entre cem mil donzellas de meia educação, e de meia honestidade, d'entre quatrocentos mil homens, que não sejam das galés nem dos pinhaes da Azambuja, uma, ou um, que, se lhes proposerdes de os escriturar pela mais avultada somma, vos não rasgue na cara a infame escritura, e vos não feche a porta para sempre. E então, clamando contra o *fanatismo,* forçados a pescar, d'entre o lodo dos bairros mais infectos, dez ou doze vadios de ambos os sexos, dareis admiraveis representações, cujos cartazes, não os deixará a Policia afixar senão em certos arruamentos.

Temos cumprido o nosso dever.

Se agora as *Proezas de Richelieu*, e outras mil semelhantes *proezas*, continuam a representar-se, d'ahi lavamos as nossas mãos.

Se, representando-se, o theatro se continua a encher; se os paes ahi levam filhos e filhas na edade ainda de uma feliz innocencia, para que se lhes ensine ao vivo, e antes de tempo, a metter debaixo dos pés todo o sentimento de honra, essas contas a Deus, á sociedade, e ao porvir, já as não daremos nós.

Uma só coisa advertiremos por derradeiro ás mães, que ainda talvez o não saibam; e é: que, em quanto ellas assistem imprudentemente a taes espectaculos, muitas pessoas da plateia se estão gosando de outro muito mais curioso, qual é o notar nos seus rostos, e nos das innocentes commettidas á sua vigilancia, as impressões que progressivamente lhes vão produzindo os ditos e feitos, demasiadamente bem representados, do devasso de *quinze annos*, do Duque de Richelieu. São dois espectaculos ao mesmo tempo; ambos egualmente moraes e edificantes; mas o segundo, o de cá de fóra, para certa gente, ainda de muito mais proximo fruto, muito mais pratico, muito mais agradavel, que o do palco.

Reprehender-nos-hão alguns prudentes pela sinceridade d'estas declarações. Bem sabemos que, para animos altanados e perdidos, o dizer-se lhes que é immoral a comedia é aguçar-lhes o gosto da a irem ver; mas nem esses nos lêem, nem teem elle que perder. Escrevemos para os homens de bem, para as mulheres não perdidas. Se a nossa penna podesse lavrar ordens, certa-

mente que a não cançariamos em estender artigos.

Terminou-se a noite com *O campo dos desafios*, de que já em outro logar falámos, curioso amphigurí dramatico, marchetado de linda musica; ou, se antes quereis assim, linda opera em prosa, embutida de bocadinhos de prosa *resada*.

Tal está o Theatro de declamação, o Theatro Portuguez, o Theatro Normal. A *norma* foram as *Proezas*; a *declamação portugueza* foi *musica franceza*.

O subsidio ha-de ser requerido; e ¿será pago?

(*Rev. Un.*)

XXXVIII

SOBRE O «KENILWORTH»

(Maio de 1842)

Lemos e relemos no *Diario do Governo* de 11 do corrente um artigo, cuja fórma toda graciosa, litteraria, e decentissima, para logo nos revelou a habil e amestrada mão que o escrevêra.

Honramo-nos, ha já largos annos, com a amisade intima do seu Autor; e cada vez perdoamos menos á fortuna, ou antes á *politica*, o haverem n'elle arrancado da religião litteraria, quem tinha de ser, sem nenhum custo, um dos seus ministros mais illustres. Entretanto, ainda secularisado, a sua primitiva e verdadeira vocação lá ressumbra sempre, por um modo esplendido, todas as vezes que, falando ou escrevendo, acerta de passar pelos dominios da Poesia, da Litteratura, ou das Artes.

Seja-nos porém licito, com vénia e boa paz da amisade, e sem quebra no respeito, dissentir, em dois pontos doutrinaes e gra-

ves, do que n'esse artigo se estabelece. Ambos elles estão requerendo mais estendida discussão do que nos hoje consentiria n'este jornal o afôgo das materias. Só os assentaremos por agora, reservando para melhor conjuntura o averigual-os.

1.º ponto: LINGUAGEM PORTUGUEZA.

2.º ponto: METHODO QUE SE HA-DE SEGUIR NO VERTER PARA PORTUGUEZ.

Quanto ao 1.º, quer o Autor que seja contrária á ordem natural das coisas, e como tal impossivel de prosperar, a moda, que alguns principiam a introduzir, de repôr na hodierna Lingua portugueza (se por ventura a ha) algumas palavras e construcções patrias dos nossos antigos.

Quanto ao 2.º entende, que, vertendo obras que versam sobre costumes estrangeiros, não fica liberdade para desviar um ápice das expressões e phraseado do original-

E de cada uma d'estas suas opiniões deduz contra a versão do *Kenilworth* do snr. Ramalho uma sentença, opposta ao que, a respeito da mesma traducção, sinceramente (como o temos de uso) escrevêramos em o nosso artigo 266.

Provaremos como, philosophicamente avaliadas, estas duas opiniões do Autor se combatem, e se neutralisam; e mostraremos como, de qualquer d'ellas que se adoptasse, resultariam para a já *desgraçadissima* Litteratura patria inconvenientes ponderosos.

(*Rev. Un.*)

XXXIX

LINGUA PORTUGUEZA

Ao *Diario do Governo*

(Junho de 1842)

1.º Artigo

I

Vamos procurar reduzir a poucos paragraphos o que bem era materia para grossos volumes.

Se o haver no mundo Linguas, em logar de uma só Lingua, é resultado necessario da constituição do mesmo mundo, ou mero effeito de muitos milhares de acasos, é uma questão ociosa; deixal-a-hemos.

Se conviria, ou não, que todos os povos chegassem a falar uma só Lingua, é outra disputa em que *pros* e *contras* tão finamente se entretecem, que temeridade sería o sentencial-a antes da grande prova da experiencia.

Se, finalmente, o commercio material e intellectual, e o velocissimo viajar pela terra, pelo mar, e pelos ares, poderão dar de si que, dentro em alguns milhares de annos, o

morador das margens do Newa, tendo almoçado em sua casa, e vindo jantar nas margens do Tejo, pense, e se exprima como os que lhe aqui derem de comer, e pratique á meza redonda, sem o minimo empacho, com o Chim, com o Americano, com o Africano, e com o Novo-zelandio, eis o que não podemos prognosticar.

O que sabemos, e não consente duvida é: que por ora a polyglóta começada no meio das obras de Babel existe, e não ameaça cahir tão depressa em ruinas, como a biblica Torre que lhe serviu de berço.

Ha porém uma questão açerca da Linguagem, que nem é irresoluvel, nem ociosa, nem estéril; a saber: se cada Povo deve, ou não, testar a seus netos a que herdou de seus avós. Examinêmol-o.

II

Antes de tudo, é mistér considerar a Linguagem nas suas diversas relações. A tres capitaes se reduzem ellas: a communicação dos affectos naturaes de todo o genero; a satisfação das necessidades individuaes ou sociaes; o estudo ou descobrimento das qualidades, assim no corpóreo, como no incorpóreo.

A primeira d'estas relações pertence necessariamente a cada uma de todas as Linguas; a segunda pertence, com preferencia, ás Linguas dos povos mais numerosos e politicos; a terceira ás das nações mais adultas e allumiadas.

Os affectos são a unica de todas as coisas

sublunares, que os seculos não transformam; o amor é o que era no tempo de Propercio, no tempo de Sapho, no tempo da mulher de Putifar, no tempo de Lia, Rachel e Jacob emfim no tempo de Adão e Eva. O que dizemos do amor, pode egualmente applicar-se ao odio, á ambição, á amisade, ao despreso, ao ciume, á vingança, a cada uma das affeições domesticas, etc.

As necessidades individuaes e sociaes, essas, sim, transforma-as o tempo, que augmenta, diminue, ou diversifica, os meios de as satisfazer. Ahi reina já a moda.

Emfim, as sciencias especulativas, e as sciencias physicas, medrançosas de seu natural, teem forçada necessidade de alterar e locupletar de continuo os seus vocabularios.

Os principios que deixamos postos, resumem o nosso pensamento acerca do que deve ser, e do a que pode, e do a que deve, aspirar qualquer idioma, e ninguem os chamará carunchosos, mesquinhos, ou pouco liberaes.

Appliquemol-os á materia sujeita

III

A Lingua Portugueza, fossem quaes fossem os peregrinos e numerosos elementos com que se formou, cresceu, e poliu, não só chegou a ser uma Lingua sobre si, mas uma Lingua formosa (o que mui poucas são, e nenhuma talvez mais do que ella), e uma Lingua abastada e rica; do que, nem todas se podem gabar.

O Portuguez dos seculos XVI e XVII, que

é o Portuguez já maduro e succoso, ainda não eivado nem corrupto, é, com minimas differenças, o que a nós, homens de hoje, nos veio por nossos avós e paes, e muito mais por nossas avós e mães; porque a Lingua é como os bons costumes: onde menos se estraga é dentro em casa.

Este grande thesoiro de vocabulos, phrases, e expressões, não está todo encerrado nas livrarias classicas, que é o mesmo que dizer: não jaz todo no cemiterio com sepulcros e epitaphios; anda vivo e em uso corrente por muita parte: nas salas, menos do que nas cosinhas, casas de lavor, e officinas; nas cidades grandes, menos do que nas pequenas; mais do que em todo outro sitio, na immensa povoação das aldeias, campos, praias, e serras. Em summa: o Portuguez legitimo, apesar das novellas, a despeito dos periodicos, e em menoscabo do perpetuo empenho dos theatros *normaes*, posto que achacado atura; e, louvado Deus, pode ser que inda d'esta não venha a morrer.

Queremos ter esta fé, e temol-a; por isso andamos pedindo aos que teem alma o não desamparem; que lhe não abram as veias, como a damnado, a quem se perdeu a esperança; ou o não tratem como a moribundo, a quem se dá quanto lhe lembra, e nenhum remedio.

Pressupposta esta verdade mui consolativa e fecunda, de que o nosso amado Portuguez não expirou, e poderá restaurar-se, examinemos qual será o regimento, que na presente conjuntura lhe convem.

IV

Quanto a nós, cifra-se elle n'uma grande liberdade, e n'uma grande sujeição.

No tocante ás sciencias novas e crescentes, que todas recebemos por importação, ou sejam sciencias physicas, ou metaphysicas, ou politicas, ou economicas, ou industriaes, e semelhantes, abrâmos os portos ás novidades. Venham com as coisas peregrinas os peregrinos vocabulos, e ainda, em parte, a construcção e estylo, que o consenso dos sabios do mundo mostrou ser mais adequado na materia a que os taes vocabulos pertencem. Venha tudo isso, e nas boas horas venha.

Mas haja ahi *verificadores de alfandega*, de olhos abertos e mãos limpas e zelosas, que não só não deixem passar de envôlta excusados e damnosos contrabandos, mas as mesmas fazendas de lei as não deixem correr sem demonstrada necessidade.

Assim, por exemplo, todo o homem de tino relevará ainda os termos enxacôcos da phrenologia: a sua *destructividade*, *amatividade*, *combatividade*, *imitatividade*, etc.; mas não perdoará ao doutor que d'isso houver usado, quando este escrever: «Madama Fu-«lana guardou o leito durante alguns dias, e «se assujeitou sem murmurio ás minhas pres-«cripções, quaesquer rigorosas, que ellas fos-«sem.—De um ar morno e abatido ella pa-«recia não evisajar que a salvação, á qual a «sua sujeição só a podia guiar, etc.; as suas «vistas invocavam uma esperança, ah! que estava bem longe d'ella, e o tumulo deman-

«dava a sua presa; mas, graças aos meus «soccorros ministrados a proposito, e a uma «dusia de bixas applicadas sabiamente, já «hontem tomou um passeio, e não ha maior «logar de temer por sua sorte; com rasão «pois eu estou féro de haver arriscado n'es-«ta doente uma semelhante expertisa.»

Tal periodo é parvo em uma obra de Medicina, como em uma novella, como em qualquer livro ou folheto, ou jornal, ou conversação; e comtudo, metade da Medicina que hoje se escreve, assim se escreve.

Temos dado com mão larga a licença; pois tão liberaes somos, que ainda a queremos ampliar: corra ella por fóra dos limites do necessario; derrame-se até aos confins do util, e, mais longe ainda, até aos do agradavel, que já é conceder a immensidade.

Todo o espirito bem nascido, quer poeta quer prosador, ouse formar, por derivação, por composição, por feliz e inspirada onomatopéa, e até (em alguns casos) por adopção e perfilhação, mormente do Castelhano, vocabulos que, bem gravados com o moderno cunho, bem expressivos, e bem carregados de ideias ou relações jamais d'antes enunciadas, mereçam ficar para sempre recebidos.

A esses innovadores, tributar-lhes hemos nós as honras de classicos, antecipar-lhes-hemos os louvores da posteridade, e nos hemos de presar de ser, no commercio das ideias, os passadores das ricas moedas regiamente cunhadas com o seu nome.

Este bom serviço, que a cada uma das Linguas, vivas e mortas, fizeram seus antigos

autores, ¿por que rasão o não poderiam fazer os escritores-principes da nossa edade, ou os das edades que de apoz vierem?

Ninguem agora dirá que podiamos conceder mais; nem tanto, certamente, nos pediriam nossos adversarios. Pois bem; venhamos logo á restricção, que é a outra parte do regimento de que a nossa Lingua enferma necessita.

V

Esta restricção, que todos os estudiosos facilmente comprehendem, difficil empenho sería o declaral-a ao vulgacho dos escrevedores, leigo e anarchico; mas em summa: começa, onde se acabam as raias que já dissemos, do necessario, do util, e dos vôos nobres da Eloquencia e Poesia.

Todo o vocabulo, forasteiro ou novo, posto em logar de um Portuguez bom e sufficiente; toda a phrase ou dizer extranho e superfluo; toda a construcção grammatical, contextura, ou geito de periodo avêsso ao nosso costume, todo o anexim, rifão, proverbio, adagio, simile, comparação, imagem, tropo, ou figura, inconciliavel, ou só difficilmente conciliavel, com a nossa vernaculidade do dizer, do sentir, e do pensar; são defeitos, erros, vicios, ou crimes, que, em se commettendo, logo se hão-de castigar sem misericordia; porque todas essas e quejandas tontices não podem proceder senão, ou de culposa incuria, e falta de estudo antes do escrever, e de lima depois de haver escrito; ou de altanaria de animo, que a drêde e acintemente procura dar a estrangeiros o

que nem elles (por lhes ser inutil) nos pediam: o idioma de nossos avoengos, aquillo com que nossas amas nos acalentaram no berço, e com que nossas mães tão guapas historias nos ataviavam na infancia.

Bem vemos nós quem são os peores inimigos d'esta doutrina restrictiva; são os cynicos da traducção, e os madraços do jornalismo; porque para um homem com ella se conformar ha-se mistér de livros classicos manuseados de noite e dia; do diccionario sempre aberto; da attenção sempre vigilante; da paciencia incançavel, com que o nosso bom Mestre, Frei Luiz de Sousa, muitas vezes de uma pagina escrita, riscada, e rescrita, só vinha a apurar uma linha, ou uma phrase, como da fervura de um grande alambique só a gotta e gotta se destilla espirito brilhante e precioso.

A tal incuria, desamparo, e feira da ladra, é chegada entre nós a arte de escrever, que isto, que sempre e em toda a parte foi havido por doutrina corrente, a muitos ahi escandalisará como fanatismo. Paciencia; ralhem ou riam, que não desfarão com isso o axioma, que diz que «sem aprender não ha ser mestre»; e se isso é no fazer botas, ¿como o não seria no fazer livros?

Nunc satis est dixisse: Ego mira poemata pango.

Dado por certo, sem mais discursos nem autoridades, que para escrever Portuguez é indispensavel ter lido e ler Portuguez, saibâmos o que da licção dos Classicos se póde, e deve, aproveitar.

VI

Teem para si os que nunca os folhearam, que são todos elles fastidiosos, antiquados, escuros, supersticiosos, crendeiros, e não sabemos que mais; e, por esta preoccupação nescia, se privam de um estudo, que, sobre muito proveitoso, abunda em regalos para os que de veras o continuam.

No conversar aquelles mestres, sempre e com razão havidos por taes, cresce com a veneração o affecto que se lhes tributa; o qual insensivelmente se vai convertendo em louvavel desejo de os imitar.

No desempenho d'este desejo, póde sim haver, como em todas as coisas boas, seu tal qual excesso; mas ha um uso licito, antes louvavel, contra o qual é nada menos que vergonhoso o vociferar. Este uso é preciso definil-o claramente.

Consiste elle em duas partes: na construcção do periodo, e na escolha das palavras, phrases, e dizeres.

Quanto á construcção do periodo, é evidente, para todos os que sabem Portuguez, quanto do Francez differe o nosso essencialmente; e com grande melhoria, accrescentaremos nós, e o provariamos se para isso houvera campo.

Quanto á escolha de termos, entendemos que, se muitos dos antigos foram bem suppridos por equivalentes, muitos outros, que se aposentaram sem culpa nem successores, é serviço, e grandissimo, o forcejar pelos repôr em exercicio; o que tanto não é impossivel, que muitos poderamos nós inventariar

ressuscitados n'estes ultimos annos, remoçados, louçãos, e correntes; e ¡que maravilha! pois pegam palavras que nunca fôram de cá, ¿e não haviam de pegar as que já com as nossas conviveram tão fraternalmente?

Os que diligenceiam restituir-nos ambas estas coisas, as riquezas perdidas do nosso vocabulario, e a nativa construcção portugueza, tanto os havemos por benemeritos, que até de bom grado lhes relevaremos alguma demasia, a que o seu zelo, aqui ou acolá, desallumiado do que chamam *bom gosto*, os possa por ventura conduzir.

¡Oh! Se o nosso illustre adversario, collaborador do *Diario do Governo*, em vez de perseguir n'este caso o excesso de virtude, voltasse as armas contra os apostados assoladores da nossa Lingua; se o *massacre*, o *deboche*, e o *debute*, lhe fizessem metade do nojo que lhe fazem o *bofé*, o *quiçá* e o *alfim*, ¡quanto não ganharia na contenda o nosso bando nacional! Mas perdoar ás traducções empastelladas de gallicismos, e castigar as que veem recheadas com os frutos copiosos de muito e bom estudo, não é isso leal, nem digno de tão excellente e provado juizo como o seu.

¿Quaes serão, porém, os prestimos d'este trasvasar, que tanto recommendamos, de um pouco do Portuguez velho na enfezada aravia do nosso tempo?

Muitos, e momentosos; ¡ainda mal, que só podemos apontal-os!

Quanto mais crescer a terminologia, tanto mais se augmentarão os meios de exprimir cada coisa com propriedade; de variar, em

vez de repetir; de chamar, ou de expertar a attenção; de acudir ás precisões da Oratoria ou da Poetica. ¿Que mais?! Poderia alguem impugnar as vantagens de uma sinonymia copiosa?

Agora: quanto á construcção do periodo, excede a nossa comprehensão como possa haver, se é que ha, entre pessoas de tino, quem anteponha a triste construcção franceza, que hoje reina, e de que La Harpe, e todos os criticos de lá, tanto e com tão bom fundamento se lastimam, á contextura semilatina propria do nosso idioma.

Com esta, admiravelmente se ajudam a clareza e a eloquencia. Com esta, veem as palavras, veem as orações, entretecendo-se, collocar-se nos devidos logares para actuarem com toda a força, e produzirem no entendimento ou na phantasia a maxima impressão, logica ou artistica. Com esta, se chega mais facilmente ao tom sincero e persuasivo, porque á fórma do nosso pensamento, em que as causas, os effeitos, e as circumstancias, costumam vir promíscuos e travados, muito melhor se coaduna o apparente enleio, e ás vezes longura, do periodo, do que não as series de pontos finaes de tres em tres ou de quatro em quatro palavras, como na francezia se pratica. Com esta emfim, e só com ella, pode haver na prosa o rythmo e numero, tão recommendado por todos os mestres, desde Cicero e Quintiliano, até La Harpe e Maury; rythmo e numero, parte essencialissima da escritura, mas cuja existencia, cujo prestimo, cuja possibilidade, muita gente desconhece. Não a desconheciam Frei Luiz de

Sousa e o Padre Manuel Bernardes, que, para afinar tão melodiosamente os seus periodos, a nenhuns sacrificios se forravam; sem o que, por mais excellentes que houveram sido seus engenhos, nunca chegariam em nossa Litteratura a se enthronisar tão altamente.

VII

Deixamos perlibados os pontos capitaes da questão, e ficamos dispostos a dar satisfação de todos e cada um d'elles a quem quer que nol a requeira, porque do seio da consciencia nos sahiu quanto ahi apenas enunciámos.

Confirmamos pois contra os embargos do *Diario do Governo* a sentença, que por nossa parte déramos, sobre a traducção do *Kenilworth* do sr. Ramalho. E' cheia de Portuguez, assidua e copiosamente colhido nas melhores fontes; e quanto aos chamados *archaismos*, se os tem, e são de vocábulos cuja ressureição possa aproveitar, em vez de o censurar agradeçâmos-lhe o generoso brio, com que, para ajudar a enriquecer a Lingua, se arrosta com os desdemzinhos e epigrammas dos inimigos juramentados do diccionario; accrescendo ainda, em favor seu, que para uma acção do seculo XVI nunca os vocabulos do seculo XVI se poderiam taxar de mal cabidos.

D'isto pelo menos temos nós a certeza: que, se por esse Reino fóra se mandarem duas traducções da mesma obra, uma trescalando francezia por todos os póros, outra respirando toda Portuguez classico, a segun-

da não só ha-de ser dos doutos preferida, se não que só ella se verá nos serões da aldeia, se lá chegar, lida, entendida, e amada, por homens, mulheres, e creanças. E' porque na Lingua de nossos classicos, na Lingua de nossas avós e amas, de nossas cosinhas e fabricas, de nossas ruas e casaes, ha o que quer que seja de sincero, de conchegativo, e de nosso, que só nos parece natural; ha uma certa doçura de recordações ou saudade vaga, um cheiro quasi imperceptivel das coisas boas e bonissimas dos nossos primeiros annos, que namora e captiva, independentemente dos pensamentos e affectos, que d'essa tal Linguagem se revestem.

Mas, sendo isto assim, ¿d'onde provirá a moda de escarnecer a quem nos seus escritos forceja por falar ainda hoje Portuguez?

Desembarcavam sabbado ultimo do navio «Firmeza» para o caes do terreiro do Paço algumas pessoas, que do Brazil se recolhiam ao seu Portugal ricas e honradas. Vinham contos de réis em grilhões de oiro aos pescoços e nos pulsos das mulheres, e aos peitos dos homens; seguiam-n-os saccos e cofres, que, pelo gemer dos que os arrastavam, não deviam de vir cheios de filós e figurinos; e o povo descalço ria e motejava dos cofres e dos grilhões!

VIII

Concluâmos.

O amor á Lingua da nossa terra anda ligado com o amor da nossa terra e da nossa gente. E' até uma virtude, companheira (se não mãe) de muitas outras.

Quando no falar nos acostumarmos a preferir por timbre o nosso ao extranho, tambem, por uma consequencia logica, anteporemos o Doiro ao Champanhe; o nosso lemiste, aos pannos inglezes; o nosso Camões a Paulo de Kock; o nosso dinheiro, aos toucados das modistas parisienses; e os dramas dos nossos engenhos, que Deus ajude, ao vandalismo bastardo, que Deus confunda. Amen.

(*Rev. Un.*)

XL

LINGUA PORTUGUEZA

Ao *Diario do Governo*

(Junho de 1842)

2.º Artigo

Como bom cavalleiro, que não ha tomar desarmado em seu castello, logo ao primeiro toque da nossa busina vimos assomar-se na ponte levadiça o adversario, a quem, por qualquer parte que andasse a fortuna, sempre ao cabo ficavamos devedores; porque, se o vencel-o era gloria, e tamanha, no ser d'elle vencido não cabia por isso mesmo algum desdoiro.

E, pois que ambos viemos a briga de coração leal, não se ha-de ella excusar; nem ha-de ter fim antes de averiguado, qual das contrárias damas dos nossos pensamentos se deve gloriar de mais formosa: se a moderna Linguagem, extréme como elle a quer, ou a Linguagem como a eu desejo, ataviada das finas joias que em legitima herança lhe vieram.

Temos o *sol* e o *terreiro* bem partidos. Se a sua dextreza e força sobrepujam ás nossas, e por ventura o ajuda maior favor dos circumstantes, a melhoria, que julgamos levar-lhe quanto á causa do combate, nos repõe brios e esperança.

Antes porém que na pendencia nos travemos, seja-me licito explicar d'onde vem, que dois animos, sempre e em tudo tão conformes, em tão grave ponto como este se ajuntassem para brigar. Sem metáphora o explicaremos.

Logo ao sahir dos saudosos porticos da Universidade, em que elle e sua donosa poesia foram sempre mais *classicos* e *filinticos* do que eu e minhas humildes trovas, arremeçou-nos a fortuna, por diversos caminhos, a fins diversos: a elle, para o mundo, onde tanto havia de resplandecer; a mim, para o retiro e obscuridade, como coisa de pouco ou nullo préstimo.

Então, aquelles dois estados, continuando-se com os annos, começaram de fazer o seu officio; por onde ambos a final viemos a apparecer-nos transformados.

Elle, prendado com todos os dotes e condões de agradar, trocou a poesia sonhada pela poesia vivída; foi um dos mais festejados ornamentos das sociedades e saráus, o elegante traductor de Lamartine para as damas, o orador facil e discreto no Parlamento, o escritor mais fecundo e urbano na Imprensa periodica.

Eu, a quem tantas glorias não eram possiveis, nem tentadoras, domestico por condição e gosto, e mais solitario ainda na cidade

do que na provincia, acolhi-me ao mundo velho; criei para mim communidade com os autores classicos; deliciei-me na sua Linguagem; envergonhei-me do muito que havia escrevinhado; não fiz voto algum de reformação, mas tanto me cahiu todo aquelle seu ingenuo e graciosissimo dizer, toou-me tão afinado com as falas da casa e com as falas do campo, que, sem outra rasão mais que o meu interior contentamento, comecei de desejar que de tão rico e enterrado thesoiro fossemos todos, com honrosa porfia, sacando á luz o mais possivel.

Não eram em mim avareza nem ambição estes desejos, porque bem via eu não ser aquillo mais, do que umas preciosas alfaias, com que só espiritos mui ricos poderiam apparecer trajados; mas consolava-me amostrando-as, e recommendando-as a esses taes espiritos, por que se não ficassem ahi perdidas.

Agora, que já as causas da nossa discordancia estão patentes, entremos na disputa.

I

No artigo que sobre ella inserimos no passado numero, accusa-nos o nosso adversario de havermos combatido opiniões que não eram suas, tratando de pontos, que nem andavam, nem podiam andar, entre nós controvertidos.

Sim o fizémos; porém ¿que boa rasão nol-o vedava? Aproveitámo-nos da aberta, para continuar uma guerra, de que já muitas vezes dissémos que não havemos de levantar mão.

Com o *Diario do Governo* haviamos duas questões de Lingua; transferimos a segunda, que tinha de versar sobre methodo de traduzir, e debatemos a primeira. Suppozémos comtudo, e ainda agora o cremos, que, havendo de tratar do uso da Linguagem antiga, por nenhuma via nos podia ser defeso o ventilar acerca da Linguagem algumas outras questões, que as necessidades, e a anarchia litteraria do nosso tempo, teem tornado indispensaveis, não só uteis. Fizemos como nos torneios, onde, antes de romper lança com o contendor, largo espaço se campeia e se esgrime. Se andámos n'isso desacordados, pena temos que ainda agora nos não pesa de o havermos feito.

Todo aquelle pó que levantámos, aos olhos dos *gallicistas* espectadores o dirigimos, e não aos olhos do nosso presente adversario, que nunca entre elles vimos, nem soubemos.

Fique-se porém de remissa esta soberba Troia dos *gallicismos*, que só ao cabo de dez annos de cerco e pelejas poderá cahir arrazada, mórmente depois dos brios que lhe haverão infundido alguns termos semi-equivocos de tão acreditado escritor; e venhâmos ao verdadeiro ponto da controversia de hoje.

II

«Lamentamos —diz o *Diario do Governo* —a exageração, com que maus imitadores, querendo restaurar em toda a sua integridade o estylo de nossos bons escritores antigos, engastam fastidiosas trivialidades em

palavras e phrases desusadas e obsoletas, e em construcções obscuras, e escolhendo-as com tão impertinente cuidado, e apresentando-as com tão ridicula vaidade, como se o bello e sublime estivessem n'essa escolha puramente material, que só póde significar abundancia de tempo, com uma escassez miseravel de gosto e de talento.»

Permitta-nos o *Diario do Governo* dizermos-lhe, que já ahi torceu um tanto a questão, para a inclinar para a sua parte.

Aquelles termos de *exageração... maus imitadores... restaurar em toda a sua integridade o estylo dos antigos... fastidiosas trivialidades... construcções obscuras escolhidas com impertinente cuidado... e apresentadas com ridicula vaidade,* etc., não poderão jamais accommodar-se ao que nós proposémos, e pedimos, e pediremos sempre. Aos escrevedores parvos e sem gosto, nenhum genero de Linguagem os salvará; mas, ao vel-os cahir no Lethes, mais pena haveremos dos que se mostraram actuados e amartellados no seu compôr, do que dos desleixadões, para quem a Lingua foi roupa de Francezes.

Imputa-nos o *Diario do Governo*, esta proposição: «que a Linguagem é uma herança de nossos maiores, que devemos conservar, usar, e transmittir intacta»; mas eis aqui o que nós disseramos e provâramos.

«Devemos testar a nossos netos a Linguagem que herdáramos de nossos avós»;

e é isto mesmo, e não o que o *Diario* nos attribue, o que estamos promptos para defender, com as mesmas explicações e res-

tricções, que já em o nosso artigo haviamos feito.

Não pedimos a Linguagem antiga intacta e extréme; pelo contrario: bem explicitamente consentimos, por uma parte, em que se desassombrasse dos termos, que por outros menos velhos e melhores houvessem sido substituidos, e por outra, que se enriquecesse com a creação ou adopção de novos e peregrinos vocabulos. E, pois quanto a esta segunda parte mal poderá caber duvida, limitemo-nos na primeira, que é essa, rigorosamente, a gemma da questão.

III

«¿Por que rasão — pergunta o *Diario*, para condemnar por um *simile* todo o uso do que elle chama *archaismos* — ¿Por que rasão não usamos nós tambem do gibão e da gorra, que elles (nossos avós) nos deixaram?»

Nascendo vem a resposta:

Se ainda não usamos das *gorras* e dos *gibões*, mil outras modas dos tempos passados se teem visto ressuscitar; e se isto é nos trajos, e muitas vezes sem necessidade e contra o gosto, ¿como o não seria nas palavras, de que já Horacio disse

Multa renascentur, quæ jam cecidere,

e que, em tornarem a servir, nos augmentam incontestavelmente as faculdades poeticas e oratorias? Mas, por que seja a refutação mais bem acceita, fale, em nosso logar,

Autor que o nosso adversario não contradite; seja Filinto:

A Lingua é como a Moda: a novidade
lhe dá gala e primor. Motiva riso
campar-nos hoje com sediças phrases
do caduco Lucena, aguado Barros,
querendo-as pôr á moda no discurso;
como quem nos viesse delambido
inculcar para adorno guapo e sécio
enrocados mantéos, golpeadas calças.

Cuido que vejo erguer-se arreminado,
lá da campa onde jaz sêcco e moído,
o meu Garção, e azêdo e zombeteiro
responder-lhes assim:
—«Tendes sobejo
«para o mal que falais, e para as trovas
«com que a Patria pejais, pejais a Lingua;
«melhor fôra, boçaes, nascesseis mudos.
«¿Que enrocados mantéos, pintos calçudos,
«me allegais por escárneo.? ¡Quantas modas
«não vêdes vós sediças, que ressurgem
«como o fétido Lázaro, e campeiam
«mui galhardas p r esse mundo louco!
«Os mantéos enrocados, ide vel-os,
«co'as calças golpeadas, na mais sécia
«Côrte da Europa, e mais lidada forja
«das tremulantes e assopradas modas.
«Vêde-me os Cem-Suissos gigantescos,
«cerrada guarda do Francez Sob'rano,
«como trajam nos dias mais garridos
«enrocados mantéos golpeadas calças,
«que galas foram já de airoso adorno
«ao Quarto Henrique, ao forte illustre Castro.
«Lêde, basbaques, mancos de doutrina,
«que (de certo) até modas veem nos livros;
«como em Pegas achou, passados annos,
«certo Lettrado os oculos perdidos.»

— Mas escuta, Garção: — (cuido que os oiço)—
«se o pensamento é bom, faz seu effeito
«sem ser preciso revolver poeiras
«de latinos Camões, sediços Barros,

«sem joeirar palavras fastidiosas
«de velhos alfarrabios com bafío.»

—«Calae-vos todos; — o Garção responde —
«a elocução é tudo. Uma sentença,
«que tôsca refugais por desagrado,
«se com phrase concisa, ornada, e culta
«vem ferir n'alma, o ouvido amaciando,
«abalados ficais, ficais absôrtos,
«namorados da sua formosura.»
. . . .
Dar com vozes valor ao pensamento,
dar-lhe côr, dar-lhe vida, é o grande estudo,
a gran venida de immortaes Autores.
. . . .
Uma palavra nova, ou renovada,
desperta o ouvido, é saudavel toque,
que inclinam á perguiça, ao desattento,
os animos de ouvintes distrhidos,
que a corda da attenção por longo tempo
não podem ter tão rija que não bambe.
Para a atezar de novo, o bom Poeta
varía o tom do canto com figuras,
com descripções; ousado já apostrópha
homens e numes... ¡Quantas vezes, quantas,
o intrépido Poeta arrisca o enleado
hypérbato, que embaça a intelligencia
á prima vista, mas que apraz, namora,
quando abre todo o senso! Assim de Horacio,
e dos Romanos Classicos polídos
apraziam transpostos os vocábulos;
e fôra riso e escárneo dos ouvintes
dar-lhe odes de sentido corriqueiro,
fluentes como o usado Padre Nosso.

Por diante poderia ir o traslado; mas... parará aqui; pedindo ao nosso illustre adversario releve ao seu e nosso Poeta as despeitosas expressões dardejadas contra os aguarentadores do idioma patrio. Não transcrevêramos os injuriosos apódos, se ao Litterato com que nos honramos de porfiar pode-

ra o mais leve d'elles competir: A outros competirão; para esses fiquem no canhenho.

IV

«A clareza — diz o *Diario* — é uma das primeiras condições do estylo, e as palavras desusadas se lhe oppõem em maior ou menor grau».

E abona-se com o seguinte passo de Quintiliano:

> Oratio, cujus summa virtus est perspicuitas, ¡quam sit vitiosa si egeat interprete! Ergo ut novorum optima erunt maxime vetera, ita veterum maxime nova. [1]

Permitta-nos o douto critico ponderar-lhe, que n'este texto de Quintiliano se não acha condemnada a nossa doutrina; pois não pretendemos se escureça o periodo, que venha a necessitar de explicador, ou traductor; antes havemos por certo que da observancia de nossos principios, quanto á propriedade de palavras, e á genuina contextura do periodo á Portugueza, resultará muito maior claridade no discurso; e quanto á clausula de se haverem de antepôr, por via de regra, d'entre as vozes modernas as mais antigas, e

[1] A lingua falada, cujo capital predicado é a clareza, ¡quanto se não tornaria viciosa se carecesse de explicador! Portanto, assim como nas palavras modernas convém preferir as mais antigas, importa escolher d'entre as antigas as mais recentes. —*Inst. Orat* Liv. I, cap. VI

TRAD. DOS EDITORES.

d'entre as antigas as mais modernas, perfeitamente somos concordes e contentes.

Agora porém pediremos venia para continuarmos a citar Quintiliano por nossa conta. Diz elle assim:

> Quum sint autem verba *propria*, *ficta*, *translata*, propriis dignitatem dat antiquitas; namque et sanctiorem et magis admirabilem faciunt orationem, quibus non quilibet fuerit usurus: eoque ornamento acerrimi judicii P. Virgilius unice est usus. *Olli* enim, et *quianam*, et *mis* et *pone*, pellucent et aspergunt illam, quæ etiam in picturis est gratissima, vetustatis inimitabilem arti auctoritatem. Sed utendum modo, nec ex ultimis tenebris repetenda [1]

O mesmo, quasi, escrevia este mestre da romana Oratoria nas seguintes palavras, que immediatamente precedem ao texto adduzido pelo nosso contendor:

> Opus est, ut verba a vetustate repetita.... neque crebra sint, neque manifesta, quia nil est odiosius affectatione, nec utique ab ultimis repetita temporibus.[2]

[1] Havendo, como ha, termos *proprios*, *figurados*, e *translatos*, certo é que que os proprios tiram certa dignidade da sua vetustez, porque dão á oração um aspecto mais veneravel e grave certas palavras de que não usa o commum do Publico; e d'esse donaire se serviu Publio Virgilio, homem de tão apurado gosto, pondo *olli*, *quianam*, *mis*, *pone*. Esses toques dão ao estylo aquella inimitavel autoridade de velhice, que até nas pinturas antigas tanto agrada; é porém mistér empregal os com summo tacto, e não os sacar de edades demasiadõ remotas.

Inst. Orat. — Liv. VIII, cap. III

TRAD. DOS EDITORES.

[2] Necessario é que os vocabulos antiquados, nem venham frequentes, nem avultem em demasia, por-

Agora, sim, que eis ahi todo o pensamento de Quintiliano descoberto.

Segundo elle, ha-de-se proceder com tento e parcimonia no reanimar as antigualhas; mas, com o uso d'ellas grangeia-se ao escrito grande veneração, e uma certa graça de velhice, como a que se admira nos antigos paineis, e que a Arte não imita.

Não só Virgilio, aquelle mais que *judicioso* engenho dos bons tempos, usou de archaismos; porém quasi todos os escritores de mais fama, e nomeadamente o principe dos oradores e philosophos Latinos, o Virgilio da Romana prosa, Marco Tullio Cicero. Este, não só da Grega Lingua, que era para a sua o que a sua deve ser ainda hoje para a nossa, extrahia e perfilhava termos e vocábulos; não só os ia desenterrar nas obras mortas dos seus patricios, se não que assim o aconselhava aos alumnos de Eloquencia.

Não o citaremos, por evitar prolixidades; mas concluiremos a seu respeito com dizer, que essa mesma escuridade, com que tanto arruido se faz, não carecia (em seu conceito) de um certo merito; porque diz elle:

> Habent tamen illa in dicendo admiratio, ac summa laus umbram aliquam et recessum, quo magis id quod erit illuminatum exstare atque eminere videatur.

que nada mais reprovavel, que a affectação; convém não menos, evitar desencantal-os em edades muito longinquas e esquecidas.

TRAD. DOS EDITORES

Fénelon diz, falando do Francez:

> Notre langue manque d'un grand nombre de mots et de phrases. Il me semble même qu'on l'a gênée et appauvrie, depuis environ cent ans, en voulant la purifier. Il est vrai qu'elle était encore un peu uniforme et trop verbeuse. Mais le vieux langage se fait regretter quand nous le retrouvons dans Marot, dans Amyot, dans le Cardinal d'Ossat, dans les ouvrages les plus enjoués, dans les plus sérieux. Il avait je ne sais quoi de court, de naïf, de hardi, de vif, et de passionné. On a retranché, si je ne me trompe, plus de mots qu'on en a introduit. D'ailleurs, je voudrais autoriser tout terme qui nous manque, qui a un son doux sans danger á équivoque.

«Parece — diz Filinto — que este parecer de Fénelon foi talhado para o destempero com que nos amesquinharam a Lingua os puristas das velhas Academias, e outras gentes que eu não nomeio.»

Ha em França, hoje em dia, engenhos summos, que isto mesmo, que Fénelon desejava, o vão pondo atrevidamente já por obra.

Victor Hugo (para não citar mais do que um) ostenta-se, em prosa e verso, intrépido desenterrador de palavras e formulas da Lingua velha; e a Academia recebe o no seu gremio; e toda a França o acclama escritor insigne; e toda a Europa o lê, e forceja de traduzil-o. N'isto, como em tudo que pertence ao escrever, o essencial é ter gosto.

Pope, que ninguem acoimará de antiquario, bem o definiu em dois versos:

> *Regard not then if wit be old or new,*
> *But blame the false, and value still the true.*

Não cures se o talento é velho ou novo;
critíca o falso, e o verdadeiro estima.

¿Por que mais? O nosso proprio contrario, forçado pelos brados intimos de sua consciencia, escreveu n'este mesmo artigo:

«Entretanto, ha composições, em que pode admittir-se maior liberdade no uso das palavras antigas; em que se pode ostentar riqueza e profusão de Linguagem; em que a natureza da materia, a variedade e abundancia das ideias, podem exigir que se corte um pouco por escrupulos contra os termos antiquados, principalmente se rasões de maior ou exclusiva propriedade os justificam.»

Aqui o tinhamos inteiramente por nossa parte, se logo, com admiravel sagacidade, não volvesse a escapar-nos, denegando á *novella* a faculdade de tomar um pouco o estylo velho, sob pretexto de ser escritura para ledores leigos, e que só leva por fim o «recrear, e, quando muito, o instruir divertindo». Por isso, condemna no *Kenilworth* do snr. Ramalho o *bofé*, que, sobre ser de Camões, é uma affirmativa necessaria, que traduz o *¡ma foi!* dos Francezes *(by God* dos Inglezes); e os dois tão claros e prestadios termos de *veniaga,* e *pratica,* por conversação.

Observaremos ao escrupuloso censor:

1.º — que, se por via das novellas veio, como é notorio, o maior estrago á nossa Lingua, e por ahi se prova quanto influxo podem n'ella ter, justo seria que o damno que lhe ellas fizeram, procurassem, e se obrigassem ellas mesmas, a ressarcir-lh'o.

E se nas obras, que, por serem recreativas, se lêem, se não fôrem incluindo as dóses da teriaga, ¿por onde será já que a ministremos? ¿Pelos periodicos? insania sería, alem de barbaridade, o requerer de folhas quotidianas tal serviço. ¿Pelos discursos do Parlamento e do Fôro? ahi, sim, que sería ridicula qualquer sombra de antigualha. ¿Pelos actos officiaes? ¿quem hoje sonharia em tal?! ¿Pelo Theatro? acuda-nos Deus, que seria isso maior desproposito, do que todos os que se lá fazem.

Restavam as escolas, se as cá houvera, de Lingua, como as ha em França, Italia, e Allemanha, e como as houve, e primorosas, entre os Romanos e Gregos; mas, não tendo nós estas escolas, em que desde o principio nos criêmos com o Portuguez; não podendo nem devendo vir o classicismo pelo que é falado, recitado, e orado, só um meio lhe fica: e é a licção das novellas, que, junto com os periodicos, estão sendo hoje em dia toda a nossa bibliotheca.

2.º — que este livro do snr. Ramalho, que o censor queria ainda mais fiel ao seu original, é traducção de Autor, cujas mil e uma novellas, não só vão cheias e razas de archaismos, se não tambem de provincianismos, mormente escocezes, que não dão pequena tarefa a seus leitores.

V

Concluâmos, deduzindo do muito que n'este e no precedente artigo fica exposto,

apontado, ou acenado, algumas consequencias praticas de proveito (quanto a nós):

PRIMEIRA

A Lingua, a formosissima Lingua, que nossos avós nos transmittiram, devemos conserval-a sem desfalque de nenhuma especie.

SEGUNDA

Devemos, pelo contrario, forcejar pela testarmos melhorada a nossos netos.

TERCEIRA

Para isso é mistér despirmo-nos de todos os generos de fanatismo; tanto do fanatismo que se oppõe ás innovações necessarias, ou uteis, como do fanatismo que resiste a que se lhe restituam seus fóros cahidos.

QUARTA

Devemos diligenciar, mormente pela Litteratura reconduzir-lhe o que mais de foz em fóra lhe vai fugindo; isto é: a nativa, lógica, artistica, musica (e de extranhos tão invejada) construcção, semi-latina, de seus periodos; desviando, e afugentando com justa soberba, esse engoiado e deploravel geito francez de *agente*, *verbo*, *paciente*, e *ponto final*.

Aqui oiçâmos de passagem a Voltaire:

> «Cette langue embarrassée d'articles dépourvue d'inversions, pauvre de termes poétiques, stérile en tours hardis, asservie á l'eternelle monotonie de la rime, et manquant pourtant de rimes dans les sujets nobles, etc. etc. etc.....»

E ainda Le Mercier passa adiante, sem talvez entretanto dizer tudo:

> «Il faut dire hardiment que cette langue n'est pas poétique; que la poésie n'est qu'une prose rimée; qu'elle n'a ni abondance, ni énergie, ni audace; qu'elle n'en aura jamais puisqu'il est défendu de l'enrichir, puisque sa marche, loin d'être libre et fière, est compassée, mesurée, rétrécie, soumisse au compas. ....Les versificateurs ne me pardonneront pas; je parle néanmoins en leur faveur.. .. . les poétes m'entendront......et qui, conformément á leur style rampant, rejettent la force et l'énergie, lorsque le poëte s'en sert pour peindre ses pensées avec les sons qui lui plaisent.»

Quem pretender mais, para ensaboar de vez os narizes aos gallo-maniacos, vá bater á porta de La Harpe, que lá está fazendo jeremíadas, que não acabam nunca, sobre a pobreza e má raça da sua Lingua.

QUINTA

Se alguem, por excessivo zelo, e mingua d'aquelle juiso ou senso intimo, a que chamam *gosto*, demasiar, até ao ponto de affectação, o uso do antigo, esse mesmo será digno de louvor; e se o seu trabalho ficar para elle perdido, talvez o fruto d'elle para a Lingua o não fique totalmente; porque, a poder de escritos e ouvidos, é que os vocabulos e formulas, assim antigos como novos, se chegam a encarnar em cada idioma; passando já talvez de alguns quinhentos os que n'estes ultimos seis annos se teem res-

taurado, e de mil os que só Filinto á sua parte cá metteu.

SEXTA

Aos cultores da Litteratura, mormente aos traductores de novellas, incumbe sobretudo a obrigação de nos ir restituindo o que ainda da boa fala Portugueza se possa legitimamente rehaver.

SETIMA

Aos jornalistas pertence, pelo regimento moral do seu officio, e tanto mais, quanto mais prestadios desejarem e professarem ser á sua Patria, castigar severamente quantas traducções garôtas abortam, ou hajam de abortar, de tão mal fecunda Imprensa como a nossa; louvando e exforçando ao mesmo tempo a todos aquelles, em quem visivelmente se reconhecer o generoso empenho de ser uteis.

E não se acovardem os periodicos de requerer censoriamente nos outros um primor e riqueza, de que elles mesmos fôrem faltos. Os jornalistas não teem (nem podem ter) para accurar phrases tempo e remanso, que nunca devem fallecer aos novelleiros. Preencham pois incorruptivelmente o seu mistér, que no fundo d'esta questão, que só parece litteraria, anda, como já dissemos, escondida outra questão, ainda muito mais nobre, de moralidade.

Ao nosso collega, e amigo, collaborador do *Diario do Governo* principalmente recommendamos esta causa, tão sua como nossa.

Vergonha a todos os que, por qualquer via renegados da mais formosa Lingua que pode haver, desampararem ou trahirem suas partes; mas gloria, mas gratidão, mas amor, aos que, por si e pelos outros, procurarem repôl-a, e mais poderosa e senhoril, no Throno, d'onde rebeldias de mandriões afrontosamente a derrubaram.

(*Rev. Univ.*

XLI

JOSÉ JOAQUIM RODRIGUES DE BASTOS

UM LIVRO DE OIRO

(Julho de 1842)

Disse antigamente um Autor inspirado, que entregára Deus o mundo ás disputas dos homens. Os homens, porém (affoitamente o podemos dizer), não pagos com disputar o mundo, arrojaram-se, nos modernos tempos, a se disputarem a si mesmos, e, o que mais é, ao proprio Deus.

A Religião, que teve o presepio por berço, um punhado de pobres humildes e rusticos por annunciadores, e por tropheo a Cruz, a Religião que successivamente fizera cahir e desapparecer todas as idolatrias, todos os systemas philosophicos, todas as resistencias das paixões, todo o arraigado materialismo das cubiças terrestres, e não conservára da velha Roma senão o Capitolio, para de sobre elle purificado reger pelos Cesares e Pastores a maior e melhor parte do Universo, a Religião, finalmente, a milagrosa Religião de dezoito seculos, corroborada por

trezentos annos de martyrio, ameaçada, muitas vezes em vão, pelo fanatismo cru e anti christão de seus proprios zeladores, ou pela mundanidade e depravação de seus ministros, e n'estes ultimos cem annos pelo espirito discursador e rebelde dos amigos das novidades, chegou em nosso tempo a uma enfermidade mais terrivel e perigosa que todos os seus precedentes males; com a qual, infallivelmente ao cabo viria a perecer, se contra ella podessem jámais prevalecer as portas do inferno, já tantas vezes por sua mão referrolhadas.

Esta enfermidade é o indifferentismo.

A poder de disputarem Deus, a materia, a alma, os deveres, os direitos, um grande numero de homens passaram do scepticismo theorico e pessoal ao scepticismo pratico, diffusivo, contagioso, e hereditario.

Nossos avós tiveram os dogmas da Fé; nossos paes, as negações totaes e temerarias; nós, que nos livros assistimos ás suas controversias, e vimos todas as coisas maximas em vai-vem; convidados pela perguiça, e seduzidos pelo interesse de nossas paixões, tomámos, como commoda para usofruto, toda aquella contradictoria herança do sim e do não, do crer e do descrer; démos a Deus licença para existir, e a nós mesmos para ter alma; não perseguimos o culto, nem o julgámos necessario; e em secularisar a parte moral do Evangelho (¡como se as flôres do Paraiso poderam em terra profana frutificar sem orvalho do Ceo!) entendemos haver feito quanto para a felicidade do mundo, e ainda para os fins de uma problema-

tica vida futura, se podia prudentemente requerer.

Tal é, se por desgraça nos enganamos, o actual estado religioso; tanto das familias como dos povos.

Mas estado não póde ser este, de flutuação, de insufficiencia e desconsolo; é necessariamente passagem para alguma coisa mais sensata e perfeita. Egoista e devasso, o scepticismo romano preparou o caminho ao Christianismo. Esta edade, a muitos respeitos semelhante áquella, edade de vicios e egoismo, deverá repôr o mesmo Christianismo no seu abalado mas indestrutivel throno.

*

D'esta vez, não foi o Divino Mestre procurar, para seus apostólos, ignorantes e humildes pescadores das praias de Genezareth, sobre quem fosse mistér que infusa baixasse em linguas de fogo a sciencia do Espirito; suscitou os do proprio seio das Babylonias pasmadas, varões allumiados do estudo, principes pelo inquestionavel direito dos talentos e pelo don admiravel da palavra, senhores e dominadores das turbas. Todos os espiritos superiores ao vulgo são hoje apóstolos, a trabalhar providencialmente para a Confirmação, como os antigos trabalharam para o Baptismo. Naturalistas, poetas, philosophos, e pintores, todos esses, que, pelos gosos que semeiam na sociedade, adquirem o jus de irem tacitamente influindo n'ella, todos se inspiram, mais ou menos, da luz mystica, do sopro vivificante, que lá de Cima se derramam.

Ha, porém, entre este grande numero de ressemeadores da verdade, alguns, cuja especial vocação esplendidamente se revéla por uma visivel superioridade, pela Graça victoriosa que ordinariamente bateja a quanto escrevem, e pelos seguros e copiosos effeitos, que em todos os animos produzem.

Taes são: Lamennais, fulminando com a sua prophetica eloquencia o *indifferentismo;* Tassoni, demonstrando a *verdade*, a *necessidade*, e a *utilidade*, do Christianismo; Châteaubriand, ataviando-o com todas as galas da Poesia; Villeneuve-Bargemont, applicando-o, como balsamo efficaz, a todas as dores, a todas as feridas possiveis; e Pellico, devendo a elle só a força para resistir, com alegria, ao mais affrontoso captiveiro, e a uncção que repassa, desde a primeira até á ultima pagina, todo o livro das suas tribulações, e nol-o torna tão milagrosamente refrigerativo nos dias da adversidade. Todas estas são obras immortaes, como as verdades que encerram; monumentos de gloria não só para seus autores, se não tambem para as nações e edade em que appareceram.

*

Hoje chegou tambem ao nosso Portugal a sua vez. Um livro, digno de se enumerar depois d'estes, acaba entre nós de se publicar. *Meditações ou discursos Religiosos* é o seu titulo.

Uma analyse das excellencias e formosuras d'esta obra requereria uma copia de toda ella.

Novidade absoluta, não a tem, porque mal a poderia haver em assumptos, ha dezoito seculos tratados pelos maiores homens de todo o mundo; mas não era possivel em tão curto espaço reunir maior somma de verdades, solidas e uteis, nem facil o expendel-as tão ao sabor do seculo: com sciencia e erudição, profundidade e clareza, dialectica vigorosa e eloquente, poesia grave e substancial; emfim, o don constante de convencer, e a graça, muito mais rara ainda do que esse don, a graça de persuadir e insinuar.

Apontaremos unicamente o objecto dos seus capitulos: *Do sentimento religioso—Do atheismo — Do racionalismo — Da revelação Da indifferença—Do amôr de Deus—Continuação do mesmo objecto — Continuação do mesmo objecto—Do amôr do proximo—Continuação do mesmo objecto —Da maledicencia — Continuação do mesmo objecto — Da tolerancia.*

Os cinco primeiros capitulos, que principalmente se dirigem ao entendimento, congraçam do mais victorioso modo a philosophia com a theologia; n'elles vai a Fé como em carro de triumpho.

Os oito que seguem encerram um precioso tratado da caridade, que, ainda lido sem Fé, não deixaria de produzir muito proveito. E' a parte moral e pratica do Christianismo, e a mais cabal demonstração da sua divina origem. A *Imitação de Christo* não tem muitas paginas mais affectuosas; nem a insigne doutora e Santa, Thereza de Jesus, mais ardentes e namoradas do que os tres capitulos do *Amôr de Deus*.

Nos cinco ultimos, do *Amòr do proximo*, está a arte, não só de cada um se felicitar a si felicitando os outros, mas de felicitar a sociedade, pela santificação dos principios liberaes; que não seria a Religião filha do Ceo, se não abraçasse como irman esta outra redemptora da terra, a Liberdade.

¡Oh! por que rasão se não encarregam os bons engenhos de insinuar, assim nos povos como nos arbitros dos destinos, esta grande maxima de eterna verdade: Povos religiosos podem ser escravos; porém livre, povo nenhum irreligioso o pode ser.

E' pois este livro, pela Fé e Caridade que pregôa, que ensina, e que influe, um duplice thesoiro: espiritual, e temporal; thesoiro para o individuo, para a familia, para os visinhos, para a cidade, para o Reino, para o Mundo, e para o Outro Mundo; porque a Caridade, mystica arvore transplantada por Jesu-Christo do paraizo para o meio da terra brava do peccado, a Caridade, verdadeira arvore da vída, copiosa em frutos bons de todo o genero, e já não defeza, se não concedida e recommendada para uso, em dois tão soberbos ramos se disparte, que vai com um abraçar a Divindade no seu throno, e com a sombra do outro hospéda a todo o genero humano.

Recommendamos pois este livro a todos e a cada um; aos sabios, como aos ignorantes; aos incredulos, como aos crentes. Recommendamol-o aos paes e mães, para formarem a seus filhos e se aperfeiçoarem a si mesmos; aos Parochos, para instrucção de seus rebanhos; aos directores de collegios

de infancia, para a parte mais essencial, e até hoje mais despresada, do seu ministerio; finalmente aos Prelados e ao Governo, para que por todas as vias lhe dêem sahida, credito, e autoridade.

*

Houve uma edade, e larga foi ella, em que aos proprios accessorios da Religião consagravamos com fanatico excesso muita substancia, que, logo depois, na vida temporal, nos vinha a fazer mui grave mingua. Fundavam-se e dotavam-se régiamente, e a cada passo, egrejas e mosteiros, que em oiro e em gente nos absorviam (assim como a areia da praia absorve mais agua do ceo do que a terra productiva) o que houvéra bastado para retalhar o Reino com estradas, rios, e canaes, avivental-o com fabricas, alegral-o com enxames de povoações, instruil-o com milhares de escolas de todo o genero, dilatar a sua prosperidade por esses mares em armadas mercantes, por esses nossos Reinos e mundos ultramarinos em novas arroteações, aldeias, cidades, trafego, e policia.

O tempo e a necessidade transformaram as ideias e o costume. Hoje pobres desejamos procurar o remedio no imitar as grandes nações, que pelo trabalho e industria mais prosperadas se reputam; não prégamos senão estradas, agricultura, mistéres, e officios. E não ha duvida que tudo isso é bom e bonissimo, e indispensavel; e tambem nós como tal o clamamos e desejamos. Mas, porque o homem não vive só de pão, e além do corpo tem uma alma para manter, enten-

demos que, se importa vulgarisar os manuaes do pomareiro, do sapateiro, do carpinteiro, do tecelão, do albardeiro, e todos os outros officios e artificios, o manual do Christão será credor, não de egual se não de muito maior agasalho; e o Governo, que a livros como este os premiasse para que fossem imitados, os comprasse, os reimprimisse, e os derramasse copiosa e gratuitamente, para que repassassem o mais possivel pela desamparada e estupida brutidade do Povo, esse Governo seria (até humanamente falando) o mais piedoso, o mais próvido, o mais illustrado e illustrador.

Dae, sim, á lavandeira um bom manual da lavandeira; mas como a lavandeira é tambem filha, irman, esposa, mãe, visinha, amiga, então havereis completado o beneficio, então a havereis tornado boa em todas as relações, quando pelo manual da Christan, por vós introduzido na vossa choupana, ella se tiver convencido de todos os seus deveres, e, pela experiencia de os cumprir, reconhecido a muita doçura, a incomparavel felicidade, que a todos elles acompanha.

*

Ignoramos quem o autor d'este livro seja. A rica penna, tão sinceramente consagrada á Fé e á Caridade, desdenhou perder alguns momentos a escrever um simples nome de homem. Foi, por ventura tambem, porque o grande livro da Fé lhe havia ensinado que a esmola, para ser bem vista de Deus, se havia de dar cá na terra ás escondidas. As

Meditações ou Discursos religiosos, dados a este seculo, tão falto de religiosidade e meditação, tinham de ser havidas por verdadeira esmola, e esmola de oiro. Fez como aquelle obscuro ermitão, de que elle mesmo fala a pag. 55, o qual, depois de excitar a admiração de Rubens com o seu famoso quadro do monge agonisando, lançou ao rio os pinceis e as tintas, para se esquivar a uma importuna celebridade.

¡Bem haja elle!, que em quanto nós outros, maus gastadores de papel, pômos o nosso nome em quantas obrinhas fazemos, ou desfazemos; em quanto o mais pifio traductor de paradoxos e devassidões se apavona com as honrinhas vans de ser conhecido, o honesto autor dos *Discursos christãos* gosa-se de outros deleites muito mais intimos e verdadeiros.

Na hora amarga e inevitavel de deixar o mundo, quando outros dariam tudo por não haverem escrito o que escreveram, este sobre a lembrança do seu livro reclinará a cabeça, como sobre um travesseiro macio' para adormecer sorrindo em o Senhor.

*

Se, porém, n'uma obra toda santa pode caber um pouco de critica litteraria, duas coisas recommendariamos nós ao autor para as seguintes edições da sua obra, que sem falta ha-de ser muitas vezes reimpressa:

1.ª — que subdivida ainda os capitulos, não porque sejam, e muitos menos porque pareçam, longos, mas porque d'essa maneira as

familias christans, e as casas de educação, mais commoda e efficazmente poderão tomar todos os dias sua porção d'este salutifero alimento;

2.ª – que, sem alterar o estylo, que em geral nos parece bom, adequado, e clarissimo, reveja com um pouco mais de escrupulo a Linguagem, que nem sempre é isenta de desapuro.

Se para alguma coisa o Portuguez é abastado e rico, opulento e inexhaurivel, é para o estylo mystico. Um escritor que tanto ha-de durar, e correr por olhos, ouvidos, e memoria de todos, é obrigado a não carecer d'este genero de perfeição, aliás a menos difficil de grangear.

(*Rev. Univ.*)

XLII

PROPRIEDADE LITTERARIA

(Julho de 1842)

A Sociedade escholastico-philomatica va instaurar brevemente a discussão de um ponto assaz interessante, ultimamente apresentado por um de seus membros para os debates: a saber: se a Propriedade litteraria é, ou não, um verdadeiro direito; quaes são, ou devem ser, os seus limites; e quaes os modos mais efficazes para a realisar e defender.

O estudo, o zelo, a intelligencia, e a sizudeza, com que n'esta Sociedade, pela maior parte de mancebos e estudantes, copiosamente se teem discutido outros muitos pontos de alta philosophia, afiançam que a discussão d'este não será baldada para ajudar em parte a desenvolver-se, a formar-se, a publica opinião a tal respeito.

Folgáramos que a Associação dos Advogados de Lisboa, um dos mais venerados e venerandos corpos que entre nós existem,

briosamente movida do exemplo, que lhe estão dando estes novéis mas hardidos voluntarios da republica das Lettras, entrasse, como batalhão sagrado de seus veteranos, em uma contenda que é sua, não só como controversia jurídica, senão tambem como interesse intellectual.

A Imprensa, finalmente, a deveria não menos discutir, a fim de ajudar, amadurecer, e apressar, a Lei que dos legisladores ha tanto tempo e em vão se tem esperado, e cuja falta não poucas nem leves espoliações está causando todos os dias.

Se jamais houve para um negocio conjunctura propria, esta o é sem nenhuma duvida, para se fixar a moralidade e o direito acerca dos dominios e frutos da alma humana, posto que n'esta hora a ponto está o assumpto a ser controvertido, como coisa maxima, nos dois povos que em tudo queremos para exemplares: na França, e na Inglaterra.

(Rev. Univ.)

XLIII

UM POEMA ÉPICO

(Agosto de 1842)

Ainda, finalmente, depois de tão copiosa safra, como já tiveramos, de poemas épicos, e quando a nossa Litteratura até parecia ter totalmente esquecido esse nome, apparece no presente anno um rebentinho da mesma raiz, que, por ser tão raro que até é unico, julgamos dever não preterir sem alguma menção:

A Redempção, *poema épico em seis Cantos, por um Ecclesiastico do Bispado de Leiria. —Lisboa—Typographia da Sociedade propagadora dos conhecimentos uteis.—Largo do Pelourinho, n.º 24—1842.*

Oiçâmos o que em uma advertencia prévia nos diz ácerca da obra o poeta, cuja modestia lhe não permittiu nomear-se:

«Saiba quem este poema ler, que o seu autor é um Ecclesiastico desempregado, que no meio das adversidades e dos males,

que ha annos pezam sobre esta infeliz Nação, tomou o expediente de se applicar a fazer versos, sem ter natureza nem arte, e ainda menos os conhecimentos para isso necessarios; isto só para do modo possivel auxiliar a causa da Religião, oppondo á enxurrada de maus escritos, que a impiedade tem acarretado das nações estrangeiras para Portugal, o divino assumpto d'este poema, que é só o que o faz recommendavel, e para de algum modo ser util á sua Patria, offerecendo á Mocidade Portugueza um argumento bem digno das attenções, e do seu entretenimento, e bem capaz de aperfeiçoar a sua educação.»

Tornemos a ouvil-o em verso, no começo do Canto III:

Sem força ter, nem arte, nem engenho,
cantar a Redempção quiz imprudente;
mas foi o meu intento, o meu desenho,
só meditar de Christo o amor ardente.
Sei foi tão atrevido o meu empenho,
que não merece critica indulgente;
mas vós, Senhor, para a maior empreza
vós sereis commummente da fraqueza.

Se alguem meus versos ler, justo é que attenda
á nobreza do assumpto ou argumento,
e a soffrer os defeitos condescenda
d'arte, e do meu grosseiro entendimento;
nem que captar do vulgo a aura entenda
o meu designio fôra ou meu intento;
pois emprego não tendo algum honesto,
o tempo quiz passar serio e modesto.

Mas, bem como inexperto navegante
das ondas procellosas combatido,
ou qual, longe da Patria, o viajante

em extranho paiz desconhecido,
me vejo, aqui ali, andar errante,
tendo de todo o rumo já perdido.
O' Luz Divina, os erros meus corrigo
e meus timidos passos tu dirige.

A' vista d'estes authenticos documentos do generoso empenho, e ao mesmo tempo da encolhidissima desambição do autor, atrocidade seria, não só injustiça, avaliarmos o seu escrito com uma severidade absoluta, e requerermos n'elle o Bello ideal, que na Poesia contemporanea se procura, e raras vezes se encontra n'ella.

O poema da *Redempção* não é um monumento millannario, como a *Messiada*, ou o *Paraizo perdido;* é uma pequena tenda, que, no meio do anti-espiritual e sequioso deserto por onde vamos atravessando, sem *columna de fogo* que nos guie, nem *maná* que nos conforte, se armou, para n'ella o seu obreiro passar algumas horas em agradavel recolhimento, e d'ahi convidar, se podesse, alguns viandantes extraviados a participarem do seu repoiso.

Não peçâmos pois ao tabernaculo as maravilhas da architectura do templo, nem as alfaias e primores do palacio. Se n'elle se encontra reparo contra feras, boa luz qual lh'a accendeu a Fé, e meza posta com os frutos sadíos que alimentam a alma, e com as aguas das celestes fontes da Verdade, já merecerá que não passemos sem o entrar, nem d'elle saiâmos sem abençoal-o.

A invenção (digâmol-o francamente) é nulla. O autor não fez mais, do que ajuntar

ou resumir as verdades historicas e mysticas da Biblia relativas ao primeiro peccado, ás suas consequencias e regeneração do homem pelo inefavel sacrificio do Filho de Deus. Com estas verdades altissimas, teve para si que não devia tramar especie alguma de ficção; e talvez entendeu muito bem. Persuadiu-se de que, sendo hoje, de todos os livros, o menos lido em Portugal a Escritura, convinha fazer d'esta sua tão importante parte, que é nada menos que o fundamento da lei da Graça, uma nova traducção em vulgar, a qual, pela clareza e concisão, pelos enfeites da Linguagem poetica, pela melodia e pela rima, tentasse alguns a uma leitura, que aliás nunca fariam. Este merito, ninguem lh'o pode negar, ou desagradecer.

Uma falta essencial ha comtudo n'este livro: e é a da Poesia meditativa, devaneadora, intima, e affectuosa, que depois de Châteaubriand e de Lamartine se tornou uma necessidade indispensavel.

O poema da *Redempção*, publicado em 1842, nada tem, por esta parte, que revéle a sua data. Dir-se-hia que, assim como o autor se não contaminou com a peste d'esta edade, tambem das vantagens intellectuaes e litterarias, que ella incontestavelmente produziu, se não poude ou se não quiz aproveitar.

Recommendamos lealmente este ponto á sua meditação, persuadidos de que, se continuar a empregar-se n'este genero tão util, tão necessario, tão indispensavel, achará, tomando o nosso conselho, muito maior gosto no trabalho, e muito mais abundancia

de frutos, do que o Publico pode e costuma receber; e, para lhe citarmos em Linguagem Portugueza, e bem Portugueza, um esplendido exemplo da bondade de tal conselho, insinuamos lhe *A Harpa de um crente*, em que a Lamartine e a Châteaubriand démos nós, os Portuguezes, um digno émulo.

(*Rev. Univ.*)

XLIV

UMA OBRA EXTRAORDINARIA MORTA A' NASCENÇA

(Agosto de 1842)

Sem titulo se acaba de imprimir em Lisboa um folheto de 45 paginas em 8.º grande, cuja unica epigraphe distinctiva são estas palavras:

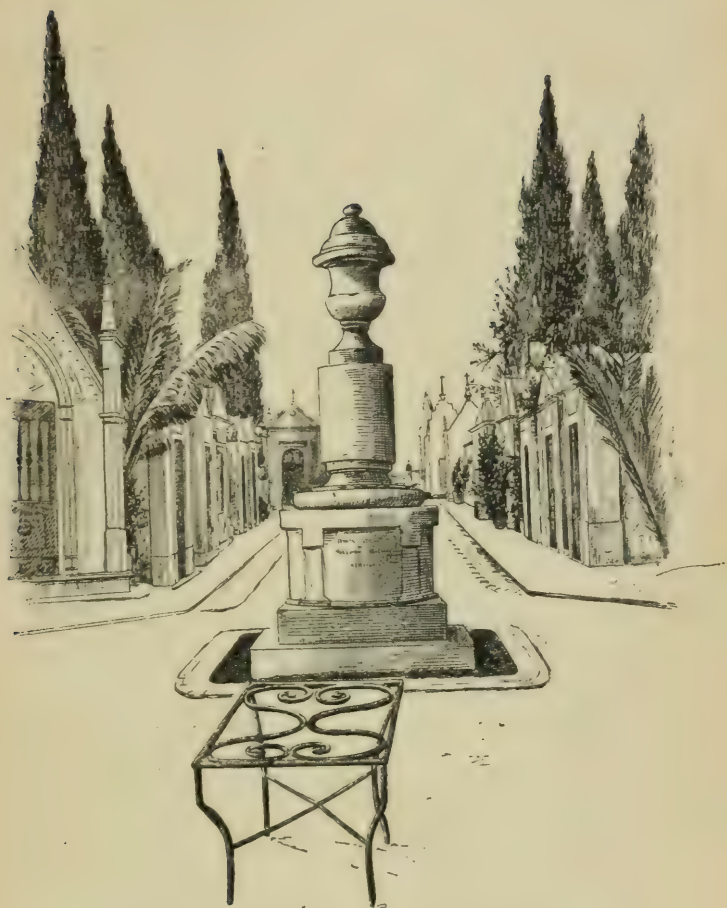
Ao Povo
O. C. D.
Antonio da Cunha Souto Mayor

Apenas impresso, pereceu este opusculo queimado pelos proprios amigos do autor, não restando da edição mais do que um unico exemplar, que nós lemos e relemos com admiração e enthusiasmo.

E' uma proclamação tribunicia, ardente de convicção, repassada de odio contra todos os generos de tirannia, de compaixão e amor para com os infelizes, nutrida de um estudo amplissimo da Historia, perfumada de tudo que a Eloquencia, de tudo que a Poesia, podem florejar de mais rico nos sei-

vosos dias da mocidade. E' uma d'aquellas obras incomprehensiveis, que, nascendo de uma fé e virtude que só talvez se encontram em corações juvenis, poderiam, entre o vulgo sempre nescio, e nem sempre bom, produzir pelo delirio estragos na ordem social, que fariam depois tremer o seu innocente causador.

Bem hajam pois os que, por um piedoso sacrilegio, abafaram no limiar da cidade este esplendido facho incendiario. Forraram amargos pesares á virtude inexperta, e talvez por essa lição de severidade a doutrinaram, a aproveitar mais efficazmente o talento com que a Providencia a enriqueceu, e do qual não é possivel que deixemos algum dia de receber mui bellos frutos.

(*Rev. Un.*)

Monumento a Filinto Elysio
no Cemiterio do Alto de S. João, em Lisboa

XLV

OS RESTOS MORTAES DE FILINTO ELYSIO

(Agosto de 1842)

Quando, ha muitos mezes, nos constou haverem-se juntado esmolas para erigir um monumento sepulcral ao Poeta ressuscitador da nossa Lingua, levantámos um brado de louvor aos que tão Portuguez pensamento conceberam; mas deplorámos, que em terra de França se houvesse de assentar aquelle tumulo.

Ponderámos, que o desmerecido desterro, continuado por tantos annos de vida, e já tambem por tantos annos de morte, se ia tornar perpétuo e irrevogavel; que o mais soberbo mausoleo lhe seria cárcere em Paris, em quanto na sua Lisboa, qualquer pequena pedra com o seu nome, visitada, festejada, e invocada por tantos devotos seus, lhe avultaria como templo.

Esperámos que, advertida por esta nossa lembrança, a Liberdade se apressaria de revocar as cinzas de um de seus mais zelosos martyres e confessores.

Era então Ministro dos Negocios Estrangeiros um homem capaz de entender a nobreza, a justiça, a necessidade, do nosso requerimento, um cultor incançavel e felicissimo de toda a boa Litteratura e bonissima fala Portugueza, o Ex.mo Snr. Rodrigo da Fonseca Magalhães. Escreveu S. Ex.a para logo ao Ex.me Snr. Silvestre Pinheiro Ferreira, pedindo-lhe o seu conselho sobre o modo de se effectuar a trasladação do seu *Filinto*. Respondeu o sabio, com pressa e alvoroçado, como quem sabia por experiencia o que era Patria, o que saudades d'ella doíam n'alma, e a immensa verdade do

.... hic molliter ossa quiescunt.

Era o seu arbitrio que, pedida e alcançada do Governo de França a licença necessaria (no que nenhuma duvida poderia occorrer), se mandassem d'aqui duas pessoas para assistirem á exhumação, e encerro dos ossos em um caixão simples, e acompanharem n-os para Portugal; que, finalmente, as honras da hospedagem aos Manes do Poeta só deviam começar depois do seu desembarque em nossa terra; sendo então, com toda a pompa dos préstitos scientificos e litterarios, levados para o logar que mais accommodado parecesse ao intento, e no qual se lhes ergueria mausoleo.

Era o conselho digno de quem o dava, digno de quem o recebia; e de conselho houvéra elle já passado a obra, se novos actos politicos não mudassem na scena persona-

gens e attenções. Entretanto, porque é esta uma paga de divida nacional, que sem grande custo se pode satisfazer, e se não pode recusar sem vergonha, temos fé em que o presente Ministerio metterá mãos á obra, e a levará a cabo, sem dar tempo a que novos embaraços ou mudanças a venham impedir.

O Governo que plantar este cipreste, vel-o-ha transformar-se-lhe entre as mãos em loiro, com que a sua propria fronte se ennobreça.

(*Rev. Univ.*)

XLVI

UM ARBITRIO UTILISSIMO PARA A LITTERATURA

(Agosto de 1842)

Desde o principio das sociedades humanas, que pende um grande pleito entre a Natureza e a Fortuna; pleito em que ambas são autoras, e ambas rés.

Queixa-se a Natureza, pela voz de seus philosophos, de que a Fortuna lhe esperdiça muitas e muitas das suas melhores producções. Queixa-se a Fortuna, pela voz de quasi toda a gente, de que a Natureza é escassa de coisas e pessoas proprias para completar no mundo uma existencia feliz.

O Abbade Dubort pretendeu decidir parte d'esta questão, affirmando que nenhum engenho especial nascia, a quem o acaso não viesse depois a facilitar os meios de realisar a sua vocação. A biographia de muitos homens illustres acode com brilhantes exemplos á theoria do Abbade Dubort; mas o Abbade Dubort não tinha rasão.

Não falando já nos povos rudes e silves-

tres, omittindo até as nações atrazadas, em que as artes e sciencias apenas principiam, e entre as quaes, todavia, não podem deixar de nascer talentos e genios, condemnados a perecer na atmosphera crassa e fria que os rodeia, ¿quem ha ahi, que, por pouquissimo que tenha reflectido nas pessoas e coisas que viu em sua vida, se não convencesse que muita obra se fez mal, porque se não commetteu a bom mestre, e que muito prestimo se desaproveitou por mingua de ousadia propria, por desfavor ou inimisade dos influidores, por desconcerto ou contrariedade das circumstancias? Não; evidentemente não tinha rasão o Abbade Dubort.

*

A philosophia especulativa e experimental, que pariu e vai creando a Liberdade para rainha do mundo, procura por instincto concluir, por mutua e afortunada composição de ambas as partes litigantes, esta cançadissima demanda da Natureza e da Fortuna; nobre e louvavel empenho, a que todos devem incessantemente dar a mão.

A dois se reduzem principalmente os meios, por onde tal ou semelhante resultado se ha-de conseguir:

1.º — a maxima generalisação das luzes, e o arroteamento e cultivo intellectual, não de alguns, se não de todos;

2.º — a generalisação do systema de concursos para todos os objectos onde os concursos se possam applicar.

Resolvido o primeiro d'estes dois proble-

mas, a educação revelará todas as vocações, para que se possam aproveitar. Resolvido o segundo, decididamente se aproveitarão.

Pela primeira via, calam se as lamentações por parte da Natureza; pela segunda as queixas por parte da Sociedade. A primeira descobre a todos o seu verdadeiro caminho providencial; a segunda lh'o abre, e lhe facilita o percorrel-o. O primeiro expediente encherá o mundo de gente grande; o segundo, por mão d'essa gente grande o encherá de grandes coisas. O primeiro será o *Fiat lux*; o segundo, o *Fiant omnia*.

Ora a philosophia da Liberdade (nas terras onde a Liberdade tem philosophia, onde ella é *meio*, e não *fim*) adivinhou tudo isto, e começa, a despeito das difficuldades de todo o genero, e sempre recrescentes, a derramar as luzes, quanto e até onde póde, e a procurar para cada objecto os sujeitos mais idoneamente allumiados.

¿Quando começaremos nós outros a trilhar esta verdadeira estrada da perfectibilidade? Sabe-o Deus; mas não dá mostras de ser mui cedo, porque em tres milhões e meio de habitantes apenas, por ora, tres duzias e meia d'elles sabem lêr por cima.

Pensem, e pensem muito n'isto os que legislam e os que governam, e todos os que, por qualquer modo, se acham por seus haveres, por sua posição, ou por outro qualquer genero de influencia, no caso de poderem contribuir para a instrucção do Povo; taes como os Governadores, Administradores, Parochos, e Fidalgos provincianos, que, por seus cabedaes, credito, e respeito, são,

ainda agora, em suas villas e aldeias (ou podem ser), verdadeiros patriarchas, principes, e exemplares.

Mas, repetimol-o, esses annos doirados de muita luz só podem vir a cabo de muitos annos de acertados e geraes exforços. Será um bello dia esse; mas receio que só nossos filhos lhe vejam a alvorada.

Deixemos pois ao tempo o cumprimento do seu officio, porque do homem só depende o semear e plantar; mas o fazer medrar e copar depois as selvas, e povoal-as de harmonia e encantamentos, só pertence á Providencia, que vai, pausadamente e a ponto, mettendo na obra mil outros agentes, de que por ventura nem sequer temos ideia.

Insensivelmente subimos com o discurso até esta grande e desconsoladora altura, em que não temos que fazer senão extender para baixo os olhos em derredor de nós, cruzar as mãos sobre o peito, e suspirar. Redescendâmos, e tomemos o pequeno assumpto a que nos dirigimos; pequeno, comparado com estas altas ponderações; mas, por de possivel, facil, e proxima realisação, importantissimo:

E' um projecto de Lei, que ennobrecerá ao Deputado que o proposér, e á Camara que o adoptar; e ao Governo que o der á execução grangeará bençãos copiosas.

*

Sabido é como n'este prospérrimo torrão de Portugal, tem a Natureza, e teve sempre, maravilhosa feracidade, assim de fru-

tos como de varões, e que o despreso de uma e de outra abundancia foi o que nos pôz, e nos conserva, em tanto extremo pobres e arrastados.

Já se voltaram os olhos e as vontades para os interesses *materiaes;* isto é, para as producções da terra, e para as artes e industrias, que d'ahi nascem immediatamente. Deus lhes ponha a virtude, que bem boas coisas são todas essas; mas ha-se mistér de começar tambem a aproveitar alguma parte da gente boa, que por ahi nasce espontaneamente e em tanta copia.

Nunca talvez foi por cá maior a de mancebos desenganadamente feitos e talhados para as boas-Lettras: Todos os dias vemos, com espanto, abrirem-se flores d'estas, promettedoras de frutos sasoados para a civilisação e para a gloria da Patria; e todos os dias as vemos, com lastima, cahir, murchar, e perder-se; ou, se arribam a fruto, darem-n-o pêco e pedrado.

D'estes mancebos, conhecemos nós uns, a quem a pobreza tolheu o passo para os estudos; outros, a quem a falta de bons guias desencaminhou; outros, de quem travou o redemoinho da *politica,* e os afogou n'esse pégo de que não ha ressurreição; outros, a quem a cruel humanidade de poderosos protectores empregou nas mais prosaicas, nas mais despoetisadoras de todas as tarefas da cidade; deram-lhes o pão, roubando-lhes a alma; ¡e cuidaram ter sido generosos!

Dubort com a sua theoria era evidentemente um insensato.

¿ Haverá, porém, remedio para todos estes homicidios, ou para alguma parte d'elles? Não só o ha, se não facillimo.

*

Procure-se fóra, e não longe da cidade, ou das cidades, uma ou mais d'essas casas, que a piedade erigira para conventos, e onde, juntamente com muitas excellencias moraes e religiosas, medravam, como em ares seus proprios, muitas lettras e muitos talentos. Ajunte-se lhe a porção de terra sufficiente para manter um limitado numero de moradores. Mettam-se de posse d'essa bemaventurança, assim os mancebos, cujo espirito houver dado claro annuncio de suas forças, como os velhos que perseveram fieis ao estudo em paragem tão madrasta d'elles. Dêem a uns e outros os livros, o remanço, a abundancia, o exercicio, saudavel para o corpo e para a alma, o habito, e a necessidade do estudo; e ver-se-ha que maravilhas saem d'esse fecundo commercio, da experiencia e sciencia da velhice, com a força e energia da mocidade. Nada ali faltará: nem a seiba que vivifica, nem a cultura que aperfeiçôa. Cada edade receberá da outra o que lhe falta; temperar-se-ha a fraqueza; commedir-se-ha a petulancia; e a Arte, por todos os modos servida e ajudada, lucrará em pouco tempo a sua maior altura relativa. Uma tal casa seria ao mesmo tempo um asylo de invalidos, isto é, uma sagrada paga de divida nacional, e um seminario ubérrimo de talentos, isto é, um pequeno cabedal posto pela Nação a enormes e onerosissimos juros.

Este pensamento, que ha muitos annos traziamos no coração, sem ousarmos a declaral-o, por medo ao prosaico ramerrão d'este nosso mundo, só agora nos afoitámos a dal-o ao Publico; se com esperança ou não, não o dizemos; e foi o motivo que nos quebrou o encantamento o sabermos que já um Portuguez, em todo o sentido Portuguez, e por todos os modos respeitavel, o tentára por sua parte realisar. Foi esse Portuguez o snr. Conde do Lavradio.

Comprára elle o convento e cerca dos Carmelitas, a par de Collares. Captivado da frescura, solidão, e silencio do sitio, e sentindo em si mesmo quanto era accommodado para o estudo, para o contentamento do animo, e para a creadora liberdade da phantasia, traçou consagrar a casa ao publico proveito, recolhendo n'ella mancebos favorecidos da Natureza, e desamparados da Fortuna, sujeitando-os a um instituto moral, litterario, e hygienico, que amplissimamente os desenvolvesse; e mandando-os depois ás Capitaes mais illustradas, para receberem a derradeira mão de aperfeiçoamento; mas isso tarde, e só quando, pela edade e pelo estudo, não corressem perigo de se irem perverter, e vir para a sua terra despresar e vilipendiar a Lingua, o bom-siso, e os bons-costumes de seus maiores.

Obra era esta digna de seu autor; e já hoje existira, se novos deveres, contrahidos pelo generoso Fidalgo, o não constrangessem a levantar mão do seu primeiro empenho. Não é logo *utopia*, nem *sonho de poeta*, o que lembramos.

Tentem-n-o, tentem-n-o pelo amor da Patria. Se fôr necessario accrescentar á doação de uma casa e pouca terra alguns outros meios, appelle-se para a generosidade dos Portuguezes opulentos, que talvez haja ainda ahi algum opulento que seja Portuguez.

Com donativos se fundaram muitas coisas boas n'estas boas terras: misericordias, collegios de orphãos e orphans, seminarios ecclesiasticos, hospitaes, albergarias, recolhimentos, mosteiros. Com donativos se manteem asylos de infancia desvalida, asylos de velhice mendiga, e escolas. ¿Por que rasão com donativos se não consagraria uma nova Misericordia aos filhos predilectos da Natureza engeitados da Fortuna?

Não seria monumento de menos piedade, e seria de todos o mais abençoado pelas gerações que vierem, começando logo pela que immediatamente nos seguir.

(*Rev. Univ.*)

XLVII

FERDINAND DENIS

REQUERIMENTO POR CREDITO NACIONAL

(Agosto de 1842)

Consta-nos que Monsieur Ferdinand Denis enviara ha dias a Sua Majestade Fidelissima um exemplar da sua obra *Chroniques chevaleresques de l'Espagne et du Portugal, suivies du Tisserand de Ségovie, drame du XVII^e siécle.* E' este livro, como quasi todos os que saem da inesgotavel e deliciosa penna de seu autor, uma brilhante manifestação de quanto elle conhece, e de quanto por isso mesmo ama, o nosso Portugal.

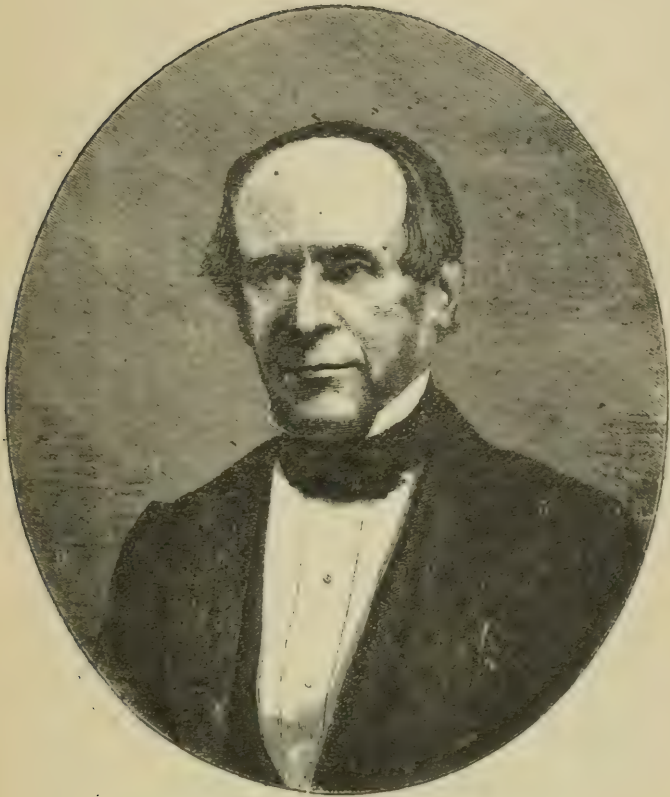
¿Quem não leu, uma e muitas vezes, a sua novella historica de *Camões e José Indio*, o seu *Resumo da Historia litteraria de Portugal*, a sua *Traducção da flor do Theatro Portuguez*, o seu *Prefacio a uma nova traducção dos Lusiadas*, etc. etc. etc. ? ¿Quem, ao reler todos os seus outros escritos, mormente as *Scenas da Natureza sob os trópicos,* não julgou estar ouvindo o mais zeloso, o mais ardente Portuguez, que, se

em linguagem Franceza se exprimia, era só pela ancia de tornar mais geralmente comprehendidos por esse mundo os nossos louvores? ¿E qual será o Portuguez de veras, a quem, n'esta epoca de nosso quasi universal desamparo, não faça muita força este amor de um Estrangeiro illustre, que nada nos deve, e só nos conhece pelos retratos que de nós lhe hão dado os livros?

Por nós, confessamos que, ao pronunciarmos, ou ouvirmos pronunciar, o seu nome, dois affectos se nos levantam sempre na alma, ambos nobres, ambos vehementes: o primeiro, altiveza de havermos nascido na riquissima pobreza d'este ninho; o segundo, respeito e gratidão para com o talento peregrino, que tão gratuita e generosamente dispende o seu cabedal poetico, em corôas e incensos, com que divinise as nossas (até já quasi por nós mesmos) tão apesinhadissimas reliquias.

Já em reconhecimento, bem que minimo, d'esta gratidão, a obscura musa de quem isto escreve lhe consagrou, em nome da patria Litteratura, um dos seus cantos. Não tinha nem podia mais o poeta; mas tem, e pode muito mais, a Nação.

Oxalá que a Soberana de toda ella remunére regiamente a dadiva recebida; que abra em favor da gloria o cofre das graças; e que, apoz tantas fitas e commendas malbaratadas a pequenos e questionados meritos, saia uma que Portuguezes e Estrangeiros possam applaudir, e que vá, sem vergonha, resplandecer sobre o mais Lusitano coração, que nunca palpitou em peito de Francez.

(Rev. Univ.)

FERDINAND DENIS

XLVIII

ANTONIO LUIZ DE SEABRA

UMA NOVELLA HISTORICA

(Agosto de 1842)

Boas alviçaras poderamos pedir pela nova que hoje trazemos.

O nosso mui sabio e presado amigo o snr. Antonio Luiz de Seabra, emprega estudiosissimamente os seus ocios provincianos na composição de uma grande Novella historica portugueza. Sabemos, que para ella tem feito, e incessantemente continúa, investigações de livros e documentos, de que a sua perspicácia ha-de necessariamente sacar o maior proveito.

O snr. Seabra, uma das mais bem organisadas cabeças de Portugal, não é só, como poderiam cuidar os que não teem a fortuna de conhecel-o, um publicista de mão-cheia, um dialectico profundo, e um eloquente orador parlamentar; é um litterato eruditissimo, um poeta de muito engenho e muito fino gosto. Nada lhe falta, nem sequer o esmero de Linguagem, de quanto se requer para o

empenho em que anda mettido. ¡Oxalá que as ondas politicas o não accommettam novamente, e o não arrebatem do bom porto de salvamento, onde para si e para a Patria está negociando não pequena gloria!

O Theatro, e o Romance historico, são, póde-se dizer, os dois ramos de Litteratura que hoje florescem por esta Europa. O Theatro vai sendo entre nós cultivado; de dia para dia lhe amadurecem frutos, lhe desabrocham flores; essa plantação, fel-a o snr. Garrett. O Romance historico já tambem vai dando de si muito visiveis e muito boas mostras; a gloria de seu creador pertence ao snr. Herculano.

Sentimos verdadeira satisfação, todas as vezes que podemos pagar com o nosso louvor, aos homens amigos e benemeritos da nossa terra.

(*Rev. Univ.*)

XLIX

MAIS UMA PALMA PARA O NOSSO CAMÕES

(Setembro de 1842)

Annunciam-nos os jornaes francezes uma traducção nova dos *Lusiadas*, e em verso, por Monsieur Ragon. Dão-lhe gabos de elegante; dão-lh'os tambem de fiel; e com tão boa-fé, quanto a esta segunda parte, que um dos que assim a elogiam confessa que não sabe o Portuguez.

Como quer que seja, é mais uma traducção franceza do nosso Poeta, depois de tantas outras antigas, menos antigas, modernas, e contemporaneas. Se não houvera outra alguma pedra de toque para se conhecerem os subidos quilates d'este poema, e d'esta gente, e d'estes feitos que se n'elle cantam, isto só nos podéra bastar para nos ensoberbecermos cá n'este cantinho do mundo, tirarmos forças da fraqueza, debatermo-nos contra a pedra da campa que nos cobre, lavrada com um epitaphio de ignominia, e ressuscitarmos, e irmos tomar outra vez o nosso logar no banquete das nações.

(*Rev. Univ.*)

L

INEXPLICAVEL MODA

(Setembro de 1842)

Alguns philosophos, dos que examinam miudezas, tinham para si não ser a moda mais nem menos do que uma expressão da natural inconstancia do homem, e tambem, já se sabe, da mulher.

Alguns poetas, collocando a moda na cathegoria das divindades, pois que, se a opinião é rainha do Universo, a opinião mesmo obedece á moda, supposeram que sem ella o mundo seria privado de muitas das suas mais aprasiveis maravilhas.

Alguns economistas-politicos, chamaram á moda, que produz e fomenta o luxo, uma prosperidade dos Estados.

Moralistas severos a condemnaram, por mãe, amamentadora, e aia, da ociosidade, que engendra os vicios; e muitos donos de casa, que, em vez de lerem os economistas, lêem e relêem os roes das suas despezas, praguejam e amaldiçôam as modas, affir-

mando que o maior castigo que Deus pôz n'este mundo aos homens pelo peccado de Adão, não foi o trabalharem para comer, se não o de condemnar suas mulheres a andar vestidas á custa d'elles.

Em tanta diversidade de opiniões, quizeramos nós tambem dizer alguma coisa por nossa conta ácerca da moda; quizeramos poder mostrar, que, segundo o systema da perfectibilidade, as modas, indo e vindo, andando e desandando, não deixam de ir comtudo, molle-molle, adiantando jornada lá para essas métas remotissimas e nebulosas, para onde se affirma que todas as coisas caminham sem saber. Todavia, a proposição é em tanta maneira agra e resvaladía, que a deixaremos intacta, preferindo um discreto silencio ao perigo certissimo de desatinar.

Hoje particularmente estamos nós vendo contra a perfectibilidade da moda um argumento, em que não ha metter dente. Não versa elle em materia de vestidos, de penteados, de iguarias, de musicas, de architectura, de poetica, ou de estylo, porém sobre coisa em que parecia que nunca a moda houvera de ter jurisdição. Essa coisa é a escrita.

*

Consta-nos haver-se introduzido ha pouco tempo o singular costume de escrever mal acintemente, e que tão bem pegára a novidade, que, para logo, muitos dos que tinham a desgraça de lhes não sahir dos bicos da penna senão lettra rasgada, formosa, e ao mesmo tempo clara, começam de fazer os

mais heroicos exforços por se descartar de tão vergonhosa jarretice. Ha mestres d'esta nova arte; e quanto mais indecifraveis, mais procurados, mais bem recebidos, e mais caros.

*

Vendo estamos que alguns dos nossos leitores, mormente os das provincias, onde as modas não chegam senão tarde, e refervidas, não tomarão esta noticia por mais do que um ridiculo passatempo, uma invenção pueril e semsabor. Entretanto, nada é mais positivo.

Nós temos á vista, e podéramos presental-os, documentos d'esta verdade, irrefragaveis e completamente inintelligiveis. De uma menina sabemos, entre outras, cuja lettra era elegante como ella, agradavel como a sua conversação, clara e communicativa como os seus affectos para com suas amigas; e hoje... a poder de lições de um dos mais habeis professores d'esta *sciencia occulta,* pode sem nenhum receio abandonar aos proprios olhos do ciume a sua mais secreta correspondencia. Não, repetimol-o, não é uma ficção; é uma verdade averiguada, sabida já por muitas pessoas, e que importa registar para os nossos netos.

*

Duas coisas estão n'este particular por descobrir:

1.ª — o principio, ou origem, de semelhante moda;

2.ª — o seu fim, ou utilidade.

Quanto á sua origem, fomos avidamente, procural-a como era rasão, no jornal das modas de Paris. Tinhamos fé em que, a par com os figurinos dos vestuarios, viria lithographado o padrão da nova escritura; padrão tanto mais facil, quanto para o escrever se não requeria grande mestre, nem mesmo gente; bastava molhar em tinta lithographica os pés de uma gallinha, pôl-a a passear por cima da pedra, imprimir a estampa, e brochar logo. N'esta parte, toda a nossa expectação ficou burlada.

Quanto porém á utilidade do novo methodo, parece-nos sobremaneira problematica. Se applicado ás cartas de amores em certos casos, aos discursos dos Parlamentos em muitos, aos artigos de *politica* em quasi todos, se pode tornar prestadío, n'um requerimento, n'um recibo, n'uma receita, n'uma ordem, n'uma sentença, pode ter mui desagradaveis resultados.

Mandae copiar á moda a maior parte das peças do theatro normal, bem estâmos; mandae, porém, escrever á moda as notificações para o pagamento das decimas industriaes, e vereis o Thesoiro publico desterrado para as «classes inactivas».

Só o tempo, que tudo aclara, poderá decidir esta questão, que por ora se apresenta tão indecifravel, como alguns dos hieroglyphicos do Egypto... ou como o proprio assumpto d'este artigo.

(*Rev. Univ.*)

LI

PROLOGO

DO VOLUME II DA «REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE»

(Setembro de 1842)

Apenas recolhidos da nossa primeira viagem de anno, e já com as ancoras a pique, a gente a postos, e o timoneiro ao leme para outra egual derrota, bem será que ajustemos brevemente contas, assim da passada carregação, que n'este nosso navio (que Deus salve) por nome *Revista Universal Lisbonense* recolhemos, como tambem dos encargos que tomámos para esta, na qual, se a Deus prouver levar-nos a salvamento, entraremos em todos os portos do mundo a fazer veniaga, e carregar fazenda para este de Portugal.

*

Quanto á viagem passada, em que houvemos quasi sempre os ventos pela prôa, com muitos mares grossos e muitas pragas occultas de outros mercadores do nosso mesmo trato, do que tudo, bem como de temerosos

parceis, em que por vezes nos démos por perdidos, nos salvou a Providencia, grandes foram os nossos trabalhos e enfados, sem nenhum outro lucro, senão o da consciencia desassombrada e satisfeita; recolhemos-nos pobres e alcançados, mas valeu-nos de consolo, que nem a visita da saude achou ponto por onde nos condemnasse, ou nos desse por suspeitos de qualquer peste ou enfermidade moral, nem os verificadores da alfandega da publica utilidade nos encontraram com um só fardo que não fosse de lei, devidamente despachado, e de conhecido préstimo para este Reino.

Nem todas as balandras que ahi se andam por esses mares de Christo, como a nossa, a mercadejar, poderão dizer por si outro tanto. Deus as guie e as ajude; não lhes queremos nós mal, nem a ninguem.

*

Por dois modos diversos andámos fazendo n'esta viagem o nosso tráfico: a principio, e por alguns mezes, quasi que só carregámos, segundo haviamos annunciado, os generos que entendiamos convirem á prosperidade corporal; a saber: á Agricultura, ás Artes e Officios, e ao Commercio.[1]

[1] O *Jornal dos conhecimentos uteis*, de París, tambem (como o nosso) principiára somente com os a que hoje por excellencia chamam *uteis*, que são os *materiaes*; e, posto que feito em Lingua que era para todo o mundo, e impresso em tão industriosa e adiantada terra como é a França, não teve remedio senão ampliar-se, admittindo em suas paginas todo o outro genero de assumptos.

Ensinados porém da experiencia, desenganámo-nos do erro de tal systema, que de todo nos viria arruinar; e junto com os objectos de physico interesse e valia material, démos entrada franca aos do trato scientifico, litterario, moral e religioso; do que se nos logo seguiu concurso maior, e de toda a casta de pessoas, ao nosso mercado, e podermos, de envôlta com as fazendas mais lustrosas e garridas, dar vasão a ess'outras massiças, que sem isso nos apodrecêram no porão; assim que, ajudando-se umas a outras, e todas ao nosso crédito, lá se foram consumindo pelas terras a dentro, não sem algum e confessado proveito dos compradores.

Muito deveu de concorrer para esta boa estreia, além da bondade das ditas fasendas, a excellencia e autoridade das suas marcas; as quaes, para que brevemente se averigue quaes e quantas eram, convirá arrolal-as para aqui, trasladadas fielmente do que achamos declarado em o nosso *Livro de carga*.

Quasi todos estes nomes, exceptuando o nosso, pertencem a donos de grande conta, e negociantes grossos na republica litteraria. São, pela ordem das lettras, os seguintes:

A. B.
A. B. P. d'A. Pimentel
A. F. S. B.
Alexandre Herculano
Dr. Alexandre Magno de Castilho.
A. N. L.
A. N. M. L.

Antonio Feliciano de Castilho
Dr. Antonio Gil
Dr. Antonio Joaquim de Figueiredo
Dr. Antonio José Ferreira de Carvalho
Dr. Antonio José de Lima Leitão
Antonio José de Sousa
Antonio José Teixeira Junior
Dr. Antonio Ribeiro Saraiva
Antonio Simões Ressurgido
Antonio da Silva Tullio
A. P. S.
A. S. Pereira
Barão d'Eschwege
Conselheiro Bento Pereira do Carmo
B. R. L.
Dr. Caetano Xavier Pereira Brandão
C. H. M. C.
Claudio Adriano da Costa
C. M. F. J.
C. M. S.
C. R. S.
C. R. V. J.
Dr. F. A. de Mello
F. C. D.
Feliciano Antonio Marques Pereira
Felix Manuel Placido da Silva Negrão
F. M. S. B.
Fortunato José Barreiros
F. P. C.
F. de P. G.
F. S. T.
Francisco Adolpho de Varnhagen
Dr. Francisco de Assis de Castro
Dr. Francisco Ignacio dos Santos Cruz
F. Z. F. de Araujo
H. S. A.

Dr. Jacintho Luiz do Amaral Frasão
J. A. Silva Lisboa
J. B. da S. L.
J. D. da C.
J. D. S.
J. E.
J. G. S. V.
J. J. J.
J. M. G. P.
Conselheiro João Baptista de Almeida Garrett
P.e João da Silva Guedes
Conselheiro João de Sousa Pinto de Magalhães
Joaquim da Costa Cascaes
Dr. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara
Jorge Cesar de Figanière
Dr. José Feliciano de Castilho
José de Freitas de Amorim Barbosa
Dr. José Maria Grande
José Nicolau da Silva Franco
José Nunes da Matta
Dr. José Pereira Mendes
Dr. José Romão Rodrigues Nilo
José da Silva Mendes Leal
J. S.
J. S. C.
J. S. da Cunha e Silva
M.
M. A. de A.
M. A. M.
D. Maria José da Silva Canuto
O Subdiacono Marinho
Marino Miguel Franzini
Mauricio José Sendim
M. P. R.

M. S. L.
N.
Pedro Alexandre Cavroé
P. H. S. C.
P. Romeiro da Fonseca
P. S. C.
P. S. R.
Ricardo Fernando Vidal
R. L.
Rodrigo de Gusmão
R. S.
Sebastião Ribeiro de Sá
Dr. Simas (medico)
Visconde de Sá da Bandeira
Visconde de Villarinho de S. Romão

*

Todas estas e muitas outras pessoas de grande tomo e conceito, cujos nomes irão apparecendo, são tambem os nossos carregadores para esta segunda e presente viagem, que já, por tão bem estreada, não poderá ser que não sáia próspera e de benção.

De mais se declara novamente, que a todo e qualquer Portuguez, como traga ou mande fasenda de valía para ser embarcada a nosso bordo, já d'aqui não só a acceitação lhe fica feita, se não dados todos os agradecimentos, e lavrada a obrigação de lh'a acondicionarmos a bom recado, sem perigo de avaria, e lh'a negociarmos cuidadosamente.

*

Antes de recolhermos de todo os ferros, e nos abalarmos, com todas as vellas tendidas, barra em fora, repetiremos pela decima

vez pregão contra os *piratas*, que á sombra de bandeiras amigas por ahi se andam disfarçados, para nos irem, segundo o seu costume, sahir ao caminho e roubar-nos.

Os portos onde nós costumamos carregar, tão francos lhes estão a elles como a nós. Que se vão lá tomar as suas mercadorias, e não de nossas mãos, que é villania de madraços, e consciencia de ladrões. Imitem-nos, que assim andamos com os nossos rostos descobertos, moirejando e suando por dar ordem á nossa vida, e nos desempenharmos de nossas obrigações, sem rapinar a outrem o fruto de sua agencia.

Em quanto a Lei não arma um bem artilhado cruzeiro contra estes sevandijas do mar, para supprir com o medo de castigo a falta de probidade, annunciamos que todo o ladrão [1] de fazenda nossa, que ás mãos tomarmos, logo promptamente será, como tal, despido e açoitado no nosso convez, aos olhos de Deus e de todo o mundo.

E com isto disparamos a peça de leva. ¡Boa viagem se nos depare!

(*Rev. Univ.*)

---

[1] Cru e desabrido é o termo, porém não sabemos outro. Nem por sombras o applicamos aos Jornaes, que, por entenderem que de alguns de nossos artigos se pode seguir proveito para este Reino, os perfilham. Declarando cujo é, e augmentando-lhe a publicidade, não roubam o galardão a quem primeiro o sacou á luz.

LII

VERRUMAS ARTESIANAS PARA O ALEMTEJO

(Setembro de 1842)

A questão de se haver, ou não, de aviventar o Alemtejo, que se morre á sêde, é do Governo, é dos Legisladores, é de todos os Portuguezes. Todos n'ella teem considerado; todos a julgam resoluvel com mais ou menos custo; todos ha annos sabem, que, só com o perfurar as entranhas d'essas campinas, se lhes póde a vida restituir; e todos, ha annos tambem, chamam com seus votos pelo dia em que essa Arabia deserta, baptisada, regenerada, e tornada feliz, vestida de verdura, coroada de abundancia, arrojará para as outras provincias atonitas todo o genero de frutos do seu regaço.

A ideia, portanto, de ir levar, como varas de condão, os instrumentos artesianos aos páramos do Alemtejo, não pertence a pessoa alguma; pertence á natureza das coisas. Não a ditou a sciencia, ou o estudo; nasceu do instincto; gerou se por si mesma; está em todos, e em toda a parte.

*

O nosso amigo, Deputado por aquella Provincia, e digno Lente de Botanica e Agricultura na Escola Polytechnica, o snr. José Maria Grande, escrevêra, condescendendo com os nossos rogos, o artigo que sobre o assumpto, e com o titulo de *Provincia do Alemtejo*, deixámos publicado no ultimo numero do precedente volume.

Nada era novo n'aquella doutrina; mas aquella doutrina, em que o autor abundava, e que por muitas vezes, e ha mais de dois annos, o ouviramos largamente discursar, com a clareza e graça que o distinguem, essa doutrina importava n'esta conjunctura suscital-a; tornal-a ainda mais presente aos animos; insinual-a mais profundamente, se possivel fosse, nas vontades; convencer, emfim, não do seu prestimo, que era notorio, mas da sua prompta exequibilidade.

Nós, para augmentarmos ainda a força persuasiva d'esse artigo, forçando a modestia do seu autor o adornámos com o seu nome.

*

Hoje, porém, 18 de Setembro, recebemos uma carta do snr. Francisco da Mãe dos Homens Annes de Carvalho, na qual este snr. Deputado se queixa de que a ideia das verrumas artesianas para o Alemtejo lhe fôra usurpada pelo snr. Grande.

«Logo que eu tive a honra—diz o illustre correspondente—de sahir eleito Deputado pela Provincia do Alemtejo, concebi o pen-

samento de abandonar todas as questões de partido, ou de capricho, para occupar-me exclusivamente d'aquellas que podessem produzir alguma vantagem publica. Filho da cidade de Evora, e por consequencia Alemtejano, emprehendi exercitar a minha missão, rompendo a minha carreira por um projecto de Lei, que fornecesse á minha Provincia o elemento de que ella mais carece. Lembreime por consequencia de fazer autorisar o Governo, por Lei, a poder dispor de tres verrumas artesianas, sendo uma para cada um dos tres circulos administrativos, que em sua adscripção abrange aquella Provincia; a saber: Evora, Beja, e Portalegre. Para este fim consultei o meu amigo o snr. Le Cocq, e soube:

«1.º—que elle mandára fazer uma das referidas verrumas nas fabricas d'esta Côrte, para seu uso particular;

«2.º — que elle ia partir para a sua fazenda junto a Castello de Vide, a continuar trabalhos artesianos já por elle encetados;

«3.º — que o custo de cada uma das verrumas montaria de 700 a 800 mil réis; e para cumulo de fortuna o achei tão disposto a tomar parte n'este patriotico projecto, que elle mesmo se me offereceu para ir a Evora dirigir os primeiros trabalhos, e inculcar pessoa apta a continuar a dirigil-os.

«Conseguido isto, tratei de estudar a questão, fiz o preambulo da Lei, assentei as minhas ideias, e communiquei tudo ao snr. Grande, o qual fez o favor de dizer-me, que assignaria comigo o projecto de Lei em questão. Essa mesma franqueza, que tive

com o snr. Grande, estendeu-se a mais alguns dos Senhores Deputados do Alemtejo, para cujo testemunho eu appello.

«Senão quando, apparece na *Revista* o artigo acima citado, que, não se limitando á generalidade, abrange algumas ideias cardeaes do meu projecto, o qual, ao apparecer, poderá ser taxado, por ventura, de filho de pae não incognito; por cuja razão, e porque eu, com esta não delicada antecipação, não retirarei o pensamento que concebi, cumpre-me declarar que eu, e só eu, fui o autor do projecto que apparecerá; que as ideias expendídas pelo snr. Grande, no seu artigo, são aquellas que eu confidencialmente lhe communiquei ao mostrar-lhe os meus trabalhos, embora elle tambem as tirasse dos seus fundos; que não me consta haver um só dos Senhores Deputados pelo Alemtejo, que se occupe de tal, a não ser para coadjuvar-me na discussão; por ultimo: que não vejo no artigo outro fim, que não seja a pretenção de fazer crêr, que as ideias que apparecerão no projecto teem no snr. Grande o seu centro, o que não é verdade.»

*

Do que havemos trasladado se infere, que o snr. Annes de Carvalho não prestou ao citado artigo a sua costumada e perspicacissima attenção. Aliás, ahi houvera notado estas palavras:

«Consta-nos que alguns Deputados da Provincia Transtagana pensam em submetter este projecto á consideração do Corpo legislativo.

A formula *consta-nos*, e outras muitas semelhantes no mesmo artigo empregadas, bem estão mostrando que o snr. Grande escrevêra o artigo para apparecer como da Redacção, e não seu. N'este caso, ¿ que outra expressão seria mais conforme aos estylos e linguagem da Imprensa periodica, do que esta vaga, quando se tratava de coisa ainda por fazer: *consta-nos que*, etc...

Concedendo ainda, porém, como verdade (o que não é) que o snr. Grande assignou o artigo pela sua mão, para tomar a si toda a doutrina d'elle, muito menos logar fica ainda para os queixumes, um tanto sobejos, do snr. Annes de Carvalho; pois que, dizendo o nosso illustre amigo em pessoa *consta-nos que alguns Deputados da Provincia transtagana pensam*, etc., por ahi mesmo se vinha a excluir a si de toda a autoria, e, diremos até, de toda a parceria em tal negocio.

Não; o snr. Grande para merecer o seu nome não carece de usurpados titulos de gloria; nunca os procurou; nunca, se lh'os offerecessem, os acceitaria. Entendeu que para este santo fim, de se povoar a despresada Provincia que lhe dera o berço, lhe cumpria pugnar com a palavra no Parlamento quando a questão lá fosse apresentada, e ir-lhe dispondo desde já, com a penna, todos os meios para a victoria; porque para fecundar os campos da opinião publica o unico *poço artesiano*, é a Imprensa.

Descance pois o snr. Annes de Carvalho: a nomeada que ambicionou, o crédito que merecer, nem o snr. Grande, nem a *Revista Universal* lh'os arrancarão.

A apresentação e redacção d'essa Lei serão suas; havemos de lh'as respeitar; mas tudo que o snr. Grande escreveu, nem a um nem a outro Senhor Deputado pertence exclusivamente; é d'elles; é nosso; é de todo o Publico; por todos fôra pensado; por todos repetido; sabem-n o as creanças; sabem-n-o os tontos; sabem-n-o os que nada sabem.

Repetimol-o:

A patente de introducção, ganhal-a-ha o apresentador d'esse bom projecto; mas a da invenção da coisa, unico assumpto do artigo questionado, essa, quem lograsse arrogal-a a si, seria capaz de se provar tambem inventor das *verrumas artesianas.*

(*Rev. Univ*).

LIII

EXTERMINIO
A'S MESTRAS DE MENINAS, MAS BOA NOVA

(Setembro de 1842)

Se a mechanica vai por diante com os seus inventos e prestigios, não lhe ficará coisa que não mude; e todo o teor do existir se transformará.

Já em Inglaterra os homens se poseram com as mãos debaixo dos braços, a ver trabalhar o vapor em logar d'elles; agora está chegando tambem a sua vez ás mulheres, de se poderem recostar nas suas cadeiras de braços, para estarem vendo as suas tarefas executadas por costureiras de pau e ferro, costureiras dóceis, infatigaveis, caladas, sizudas, e de todo o ponto perfeitissimas.

Em Fevereiro d'este anno recebeu a Academia das Sciencias de París uma informação, que de Vienna de Austria lhe remetteu um amigo do formoso sexo, por nome *Madersperges*, acerca da machina por elle inventada para coser; e já tambem algumas

amostras muito perfeitas de toda a casta de pontos dados por esta recemnascida de sciencia infusa.

Em quanto nos não chegam mais averiguadas e miudas noticias d'este portento, que todavia não é mais admiravel do que outros muitos, que já hoje, por vulgares, não espantam, ficamos scismando nos resultados que um tal invento poderá dar de si.

(*Rev. Univ.*)

LIV

QUAL É O MODO DE VIDA QUE MAIS CONVÉM A CADA UM

(Outubro de 1842)

A todos os filhos de Adão foi posta obrigação de trabalhar.

A Fortuna parece ter exceptuado alguns; mas a Natureza compensa a occultas essa desegualdade, com dar aos ociosos o cançasso da ociosidade, a fadiga de andar á caça dos praseres, os tormentos de maior numero de pesares e remorsos, as molestias dos ricos, a velhice aos trinta annos, e, antes do verdadeiro fim da vida, a morte. Todos nascemos pois para trabalhar, e para todos ha trabalho n'este mundo.

As necessidades sociaes são infinitas, e variadissimas; por isso a Providencia, que nos talhou para a sociedade, dispartiu pelos individuos tamanha variedade de talentos e aptidões. Desde o ferreiro, que passa a dura vida entre as chammas a combater com o mais duro dos metaes, e do pastor, a quem a sua se desliza por entre as amenidades ao

som de melodias, até ao astrónomo, que vela as noites a pezar e medir a povoação dos ceos, e ao poeta, a quem as suas se enfeitiçam viajando pelas regiões do mundo intimo, não ha na escala immensa das vocações um só degrau desoccupado.

E' de presumir, que o numero de individuos, que a Natureza prehabilita para cada um d'estes degraus, seja á nascença pouco mais ou menos o necessario, para que a ordem social sáia, qual segundo os Eternos Designios deve sahir.

A solução do maximo problema da felicidade geral estaria achada, na hora em que, descoberto ou inventado um instrumento, por onde se reconhecessem as aptidões, a Lei sobre essa base unica fundasse o officio, a profissão, o estado, a subsistencia, de cada um. Mas essa hora, esse dia, esse anno, esse seculo, ou esses seculos, temol-os nós (que ainda não bem cahimos em propender para phrenólogos) por distantissimos, se não chymericos.

Na constituição actual dos destinos humanos, que a muitos respeitos (se havemos de dizer a verdade) não leva grande vantagem á constituição dos destinos humanos de ha trinta seculos, as profissões e estados tomam-se, ou recebem se, ao acaso: muitas vezes por um calculo aéreo, muitas por uma phantasia, muitas por um falso relampago de vocação, muitas por suggestões alheias, muitas por força de circumstancias, e quasi nunca por convencimento da conveniencia entre o homem e o mistér, entre o obreiro e a obra, e tambem da correspondencia en-

tre o trabalho e o galardão, entre o officio e o beneficio, emfim entre a pena e o prazer.

D'aqui veem as frequentes lamentações de tantos arrependidos; d'aqui os descoroçoamentos, as pobrezas, as miserias, os crimes. E' porque o serralheiro anda tripulando a nau, o pastor carregando o canhão, o guerreiro dizendo Missas, o padre medindo panos, o mercador abrindo poços, o pintor fazendo carros, o tamanqueiro leis, o machinista petições, o pomareiro carvão, o barbeiro politica, e o politico medicina.

A dois males capitaes se reduz este desconcerto: um publico, outro particular; pelo menos a grande parte d'elle. Se ainda o remedio não está manipulado, a receita d'elle já existe; e é essa que nós vamos considerar.

*

CARTA DE GUIA, *por onde cada um ha-de escolher sua occupação, ou* DICCIONARIO DAS PROFISSÕES — *sob a direcção de Eduardo Charton.*

E' este o titulo de uma obra, que seu compillador, varão conhecido por outros escritos philosophicos e de vulto, encommendára distribuidamente a sujeitos idóneos, e bons sabedores em cada uma das materias parciaes; por tal modo, que no Tratado de cada profissão se encontra a clara noticia de todas suas partes, de todas suas difficuldades, de todas suas vantagens; do que pode custar a habilitação para ella; do que se dispende no seu exercicio; do que na sua pratica se ha-de lu-

crar. Por aqui, os paes de familias podem allumiar-se a si ou a seus filhos em uma escolha, que, em se errando, costuma causar a desgraça de toda a vida, e acarretar com a do individuo a de sua futura familia.

Na profissão militar, por exemplo, o adolescente só vê o exterior, o que resplandece: os cachos de oiro das dragonas, o accezo dos pennachos, o purpureo da banda, o faiscar das armas, os meneios alterosos do cavallo, a altiveza das bandeiras, a embriaguez das victorias na guerra, o ocio e os praseres da paz.

¿E será justo que, no primeiro impeto do enthusiasmo que lhe infundiu o passar de um batalhão, que marcha ufano com a sua estrondosa musica á frente, elle corra sem mais exame a jurar bandeiras?!

¿Não é conveniente, e sobre tudo não é justo, que essa existencia, astuciosamente arraiada para seduzir, se lhe apresente nua, com todos seus aleijões, com todas suas miserias, com todas suas lastimas, com todas suas dores, e tambem com todas suas vergonhas? ¿que lhe mostrem, como Alfredo de Vigny, a incrivel escravidão, que sob a grandeza militar anda encoberta?

Sem duvida.

Ora eis ahi o para que serve esta *Carta de guia* que annunciamos. E' uma luz vertical em uma *academia* do nu. O alvo do estudo pode ser visto por todos os lados, porque não ha ahi *panejamentos* que imponham, ou *sombras* que mintam.

Se, depois de tudo averiguado entre vós e o vosso filho, achais que a profissão pode

convir-lhe, e se as suas disposições naturaes, cujos symtomas tambem no livro veem apontados, para ella o impellem desenganadamente, o abraçal-a será um acto de prudencia, a que provavelmente se não hão-de seguir nenhuns arrependimentos. Se, não obstante algumas desconveniencias reconhecidas, os signaes da vocação são tão fortes que o candidato se obstina, a escolha poderá sahir-lhe errada segundo os calculos pecuniarios; mas já se podem apostar cem contra um, que, n'essa estrada providencial, lá a diante o aguardam crédito, e gloria, que tambem a final se pode converter no que se entende por *fortuna*.

*

A obra de Charton é portanto uma obra eminentemente social. Mas (não nos enganemos) nascida em França, mal pode ella servir senão para França. A rasão é clara. ¿Como se applicaria á profissão do nosso comediante, do nosso escultor, do nosso clerigo, ou do nosso engenheiro, o que fôra escrito á vista do comediante, do escultor, do clerigo, e do engenheiro francez, quando o estado do Theatro, das artes, da Egreja, e das edificações e estradas, estão differindo *toto cœlo* nos dois paizes?

Apontamos pois esta *Carta de Guia*, menos para ser consultada como código, do que para que alguns amigos da nossa Patria se tentem, á vista de tal exemplar, a emprehender uma obra analoga, mas fundada na estatistica da nossa terra, no conhecimento

da nossa gente, e nas probabilidades dos nossos futuros.

Que ha ahi homens para tamanha empreza, bem o sabemos nós. Nomeal-os-hiamos, se não houvesse por dois modos quebra de modestia, em apontar para tamanha altura, e mostrar ahi amigos nossos e collaboradores certos do nosso jornal.

(*Rev. Univ.*)

LV

GUERRA ÁS ASSIGNATURAS DE CRUZ

(Outubro de 1842)

¡A quantas injustiças e demandas não tem dado origem o assignar de cruz, pela facilidade de suppôr e falsificar uma tal firma!

O dia em que todos saibam ler e escrever será (se jamais tem de raiar) o grande dia da civilisação, e a grande vespera da felicidade geral. Como porém esse tal dia não dá mostras de alvorecer tão cedo, muito mais cá, n'este extremo Occidente, vejamos se a Arte, que tanto pode, não saberá, por alguma engenhosa trapaça, sem mestre, sem dispendio de dinheiro, de papel, de tempo, e de paciencia, ensinar ainda aos mais leigos e sáfaros a assentar o seu nome, prompta, legivel, e até elegantemente. Este grande problema, eil-o aqui em duas palavras resoluto.

Peça o ignorante de escrita a qualquer seu semelhante (que o não seja n'essa parte) lhe lance o nome em um papel com lettras grandes e rasgadas; pegue da penna, até sem

tinta, e vá com ella seguindo fielmente todos os traços das lettras por sua ordem. Chegando ao fim, recomece e reitére o ensaio, até que a mão haja adquirido pelo uso uma especie de memoria, pela qual depois ficará repetindo com uma certa perfeição a sua assignatura.

E' receita averiguada; e tão efficaz, como prestadia.

(Rev. Univ.)

LVI

DOM FRANCISCO GOMES DO AVELLAR

(Dezembro de 1842)

A 15 de Dezembro de 1816 perdeu este Reino um dos filhos seus que mais o illustraram; esse foi Dom Francisco Gomes do Avellar, nascido em humilde berço, mas por suas virtudes e sciencia arribado ás maiores honras da Egreja e da Republica.

O Algarve, cujo foi Bispo, Governador, e Capitão General, conserva inteira, para seculos, a memoria dos beneficios que lhe deve de todo o genero, os quaes foram tantos e tamanhos, que a relatal os cançariam a penna mais activa.

Muitos espiritos admiraveis parece haver a Providencia reunido, e fundido n'um só para o formar.

Foi varão ao mesmo tempo todo do Ceo, e todo da terra; ou antes: foi um homem verdadeiramente de Deus, que, trabalhando incançavel na vinha evangelica, a fez frutificar para o Ceo e para a terra; e no caminho

para a Bemaventurança folgou de plantar boas arvores, para abrigo, regalo, e mantença dos peregrinos.

Ao mesmo passo que todas as coisas da Egreja trazia desveladas e a ponto, o Clero allumiado, honesto, e sollicito, o Povo edificado e com bons costumes, abria estradas e fontes, encaminhava e aperfeiçoava rios, impunha-lhes pontes, expurgava de cadaveres os templos, apparelhando cemiterios, e amançando para aquillo as repugnancias de um costume inveterado, alargava e aformoseava praças, erigia e sustentava escolas para as disciplinas sagradas e profanas, alimentava as viuvas e orphãos, promovia com dotes os casamentos e bons costumes, com recolhimentos a boa creação, com exhortações, com o ensino, e com despezas, a dilatação e aperfeiçoamento da Agricultura. N'isto se parecia o seu báculo com o de Aarão, que no deserto encaminhava para a Terra de Canaan, no Egypto, tragava e consumia serpentes, e de mais, onde fosse mistér, se coparia de folhas e carregaria de frutos.

Deixamos aos escriptores da Historia ecclesiastica o laborioso encargo de tecer a sua multiplice corôa. N'este logar extremaremos do Pastor, do Civilisador, do Architecto, do Engenheiro, do Militar, e do Politico, unicamente o Lavrador; de tantos homens que era Dom Francisco, o amigo dos homens do campo.

Das culturas de que hoje se gósa o Algarve, várias (e não poucas) foram por elle introduzidas, mettendo para a obra quantos instrumentos achou á mão.

A batata, que é o pão que a Natureza mais faz abundar nos annos que mais escaceiam de trigo, derramou-a elle, mandando pelos Parochos aos lavradores, com uma circular admiravelmente persuasiva, as sementes, e instrucções necessarias para o seu trato.

Para o bom preparo dos figos, que são a principal substancia da Provincia, escreveu uma pastoral.

Para o enxêrto da oliveira em zambujeiro, não se contentou de imprimir excellentes instrucções, e mandal-as espalhar por todas as casas rusticas, se não que sollicitou e alcançou do Governo, que os rusticissimos donos d'ellas fossem obrigados a receber o beneficio, e enriquecer-se contra vontade.

Estas instrucções de que o Ex.^mo Snr. D. Antonio de Santo Illydio, actual Governador do Bispado de Aveiro, officiosamente nos offereceu um exemplar, e que tanto augmentaram a producção do azeite em todo o Algarve, são as que nós vamos reproduzir, para interesse commum, e para satisfazer ao rogo de S. Ex.^a, por nos constar que a sua impressão, feita em 1813, se tornou, e é hoje em dia, grandemente rara.

(Seguem-se as Instrucções, que o leitor pode encontrar a pag. 128 do Tomo II da *Revista Universal.*)

(Rev. Univ.)

FIM DO TERCEIRO VOLUME

INDICE